



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

ALUIZIO ACIOLE DE OLIVEIRA JÚNIOR

O PROBLEMA DO ERRO NA FORMAÇÃO DO ENUNCIADO NO SOFISTA DE
PLATÃO

CAMPINA GRANDE – PB, 2017

ALUIZIO ACIOLE DE OLIVEIRA JÚNIOR

O PROBLEMA DO ERRO NA FORMAÇÃO DO ENUNCIADO NO SOFISTA DE
PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48p Oliveira Júnior, Aluizio Aciole de.
O problema do erro na formação do enunciado no Sofista de Platão. [manuscrito] / Aluizio Aciole de Oliveira Júnior. - 2017.
53 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Departamento
de Filosofia".

1. Sofista. 2. Platão. 3. Parmênides. 4. Enunciado. 5. Não-ser. I. Título.

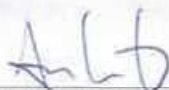
21. ed. CDD 183

ALÚZIO ACIOLE DE OLIVEIRA JUNIOR

**O problema do erro na formação do enunciado no Sofista de
Platão**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 18/04/2017.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva / UEPB
Examinador



Prof. Me. Roberto Pereira Veras / UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

A Maria e Acirole, em agradecimento, pelos esforços ofertados.

AGRADECIMENTOS

Demorou! Mas, enfim, estou chegando ao final de uma experiência fascinante: A formação acadêmica. Neste momento, olho para um passado, não tão distante, e surge para mim um filme longo. Onde, eu sou ator e autor desta história árdua, mas, que, hoje é celebrada com a vitória.

No princípio, tudo muito difícil, os desafios da universidade, cidade diferente, pessoas distintas. O novo assombrava-me diante da experiência alicerçada, que eu vivia. Porém, com o tempo, e o incentivo de várias pessoas, que fomos compartilhando ao longo da experiência, foi nos promovendo o fortalecimento necessário para continuidade da caminhada.

Várias foram as pessoas que nos iluminaram, neste percurso, por isso antes mencionar alguém, peço perdão para aqueles, que não foram mencionados, mas tenho sapiência, da compreensão que possuem do espaço, o qual oferto. Assim, paço agradecer a Kaline, secretária do departamento e pessoa de singular atenção para com todos os discentes, muito obrigado. Ao querido “Zé Serra” pela permissão das várias brincadeiras no departamento, permitindo me participar de um espaço, sem o qual não poderíamos ter enfrentados barreiras maiores as apresentadas.

Aos adorados professores, Mestre Ricardo, Mestre Fábio ambos não se encontram mais na instituição, pois seguiram outros caminhos, mas o nosso registro não poderia deixar de existir. Ao professor Reginaldo, por meio do seu rigor, para que seus discentes pudessem compreender os textos filosóficos, sem suas orientações em sala de aula, certamente, não chegaríamos aqui.

As adoradas professoras Simone Marinho, Jackeline Carvalho. A primeira por nos ter oportunizado a participação em congressos, com sua valiosa orientação. A segunda, falta-me palavras para descrevê-la, como também o quanto sou grato. Não só pela professora maravilhosa, mas, sobretudo a pessoa humana, que ao longo da universidade foi nos apresentando, obrigado pela atenção, e crença nos nossos sonhos. Muito obrigado.

A Eduardo, Rogério que através das máquinas de fotocópias, permitiam-me adquirir o material da universidade, tivessem como fala o adágio popular, na época das vacas gordas ou magras, além, claro, das diversas brincadeiras, que promoviam a nós, uma liberdade para enfrentar as desavenças da cidade grande.

Aos amigos da universidade, Diney, Marcia, Pedrinho, Marcilio, Padre Jorge incontáveis partilhas, discussões acadêmicas tivemos nos corredores da universidade, no famoso 333, ou mesmo através de outros meios. Além, claro, dos belos encontros frente a frente, onde podíamos promover as farras, que a universidade é capaz de promover.

Obrigado, ao sempre indescritível amigo, Padre Evandro por sempre ofertar atenção, amizade, como também singular crença em futuro no qual eu era o autor e ator, obrigado. Agradeço ao coral da universidade na pessoa do Maestro Erivelton, local onde pudera vivenciar as belezas da música.

Obrigado, ao Professor Valmir pela sempre lúcida orientação diante das tomadas de decisões impensadas, de nossa parte. Obrigado, ao professor Jose Arlindo de Aguiar Filho, a ti, o que poderei falar? Não há palavra para te agradecer pela orientação, por acreditar que este trabalho poderia se desenvolver, pela referência docente que é, não só para mim, mas também por todos aqueles, que tiveram o privilégio de sê-lo aluno teu. Obrigado!

Obrigado, ao Fraternal Emilson pela presença de sempre. Aos amigos de trabalho, Policia Militar de Pernambuco, que me ajudaram a vir trabalhar próximo ao meu estado, para que eu pudesse conquistar meu sonho de forma-me. Vocês foram ímpares neste momento, que se realiza.

Obrigado aos irmãos Edcarlos, Edjane, Maria Eduarda pela sempre presença ofertada. Obrigado a irmã, não mais especial que os outros, porém detentora de singular atenção. Por ter partilhado esta jornada de forma mais próxima, haja vista que pudemos compartilhar as dores e as alegrias juntos, porque fomos contemporâneos de universidade, embora cursos distintos. Sem sua ajuda, dileta Edineide, não haveria de ter percorrido este itinerário. Obrigado.

Aos senhores Maria de Fátima e Aciole, queridos pais, que tão cedo nos mostrou a importância dos estudos, e do acreditar no futuro de seus filhos, seus esforços singulares para nos manter estudando, dos primeiros momentos dos estudos a esta etapa, são impronunciáveis as palavras para agradecer.

Agradeço, a Deus, principio harmonizador do universo, sem ele, eu não existiria, nem conseguiria chegar onde cheguei. As bênçãos derramadas em vida, só o silêncio pode falar, como diria Pseudo-Aeropagista. Por ter me segurado quando o desespero nos assolou, a impaciência, mas como diz tua palavra haverá tempo para tudo, Eclesiastes, 3.

A ti, meu senhor, meu Deus, muito obrigado.

Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz. (Platão)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir o problema do NÃO-SER, no poema, Da Natureza, de Parmênides de Eléia, e sua recepção no diálogo platônico, o Sofista. Inicialmente, o referido trabalho irá expor a estrutura do poema, contudo sem ter como proposta a discussão de aspectos semânticos ou mesmo sintáticos contidos no poema. Com efeito, o referido trabalho irá se orientar na discussão sobre as vias do conhecimento, contidas do pensamento parmenidico, neste caso, o SER e o NÃO-SER. Embora, o objeto do trabalho seja o NÃO-SER e o sua recepção, no diálogo platônico, o Sofista, a proposta de discussão sobre a outra via do conhecimento contida no poema, justifica-se porque existe uma ligação lógica, epistemológica e linguística entre as vias, de modo que no desenvolvimento do citado trabalho irá ser demonstrado estas relações. Em seguida, a apresentação do poema, o presente trabalho irá discutir a recepção do problema do NÃO-SER, no diálogo platônico, o Sofista. Demonstrando as diferenças de compreensão tanto por Parmênides, como, por Platão, com efeito, promover a discussão se o NÃO-SER possui ou não existência. Sendo que, caso, o NÃO-SER venha ser comprovado sua existência, discutir em que medida, poderá implicar na impossibilidade do desenvolvimento intelectual do ser cognoscente. Na discussão de análise sobre a recepção do NÃO-SER, no citado diálogo platônico, o presente trabalho irá expor, também, os problemas de declarar o que venha a ser compreendido por SER. Em seguida, o presente trabalho irá discutir a estrutura do enunciado, e suas inferências na relação objeto cognoscível e o receptor cognocente. Destarte, diante da compreensão do enunciado e suas relações com os significados dos objetos cognocentes, discutir o problema do erro na formulação do conhecimento intelectual do ser cognoscente.

Palavras-Chave: Sofista, Platão, Parmênides, Enunciado, Não-Ser.

ABSTRACT

The present work aims to discuss the problem of non being in the poem, Nature, of Parmenides of Eléia, and its reception in the Platonic dialogue, the Sophist. Initially, this work will expose the structure of the poem, however without having as a proposal the discussion of semantic or even syntactic aspects contained in the poem. In fact, this work will be oriented in the discussion about the ways of knowledge, contained in the parmenidico thought, in this case, the be and the non being. Although the object of the work is non-being and its reception, in the Platonic dialogue, the Sophist, the proposal of discussion on the other path of knowledge contained in the poem, is justified because there is a logical, epistemological and linguistic connection between The routes, so that in the development of said work will be demonstrated these relations. Then the presentation of the poem, the present work will discuss the reception of the problem of non-being, in the Platonic dialogue, the Sophist. Demonstrating the differences of understanding both by Parmenides, and by Plato, in effect, to promote discussion whether non being has or does not exist. If, then, non being is proven to exist, discuss to what extent, it may imply in the impossibility of the intellectual development of the knowing being. In the discussion of analysis on the reception of non being, in the aforementioned Platonic dialogue, the present work will also expose the problems of declaring what is to be understood by be. Next, the present work will discuss the structure of the statement, and its inferences in the knowable object relationship and the cognitive receptor. Thus, in the face of the comprehension of the utterance and its relations with the meanings of the cognitive objects, to discuss the problem of error in the formulation of the intellectual knowledge of the knowing being.

KEY WORDS: Sophist, Plato, Parmenides, Statement, Non-Being.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. DA NATUREZA.....	14
3. O PROBLEMA PARA DECLARAR O SER.....	21
4. SUMOS GÊNEROS.....	30
5. ENUNCIADO.....	41
6. CONCLUSÃO.....	51
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

No poema, Da Natureza, de Parmênides de Eleia, o problema do erro é apresentado como algo improvável ao entendimento, porque ao pensamento é só possível pensar, e sobretudo conhecer a verdade.

Pensar e realidade são coisas epistemologicamente associados, pois algo só possui sua efetividade na existência, à medida que se pode pensar, o pensado passará a ter efetividade de existência. Assim, ao pensamento só é possível refletir o existente.

O erro não é possível subsidiá-lo, pois o pensamento não pode incorrer o erro, este não é possuidor de conteúdo, por conseguinte existência, portanto encontra-se associado ao não-ser, e este não pode ser refletido, conforme o próprio Parmênides afirma, afasta te o pensamento desta via. Deste modo a via do NÃO-SER, não possui conteúdo epistemológico, por isso não seria possível o entendimento obter conhecimento neste postulado.

A verdade é apenas, o único, caminho que o pensamento poderá percorrer, logo o objeto do pensamento é a verdade, por conseguinte se encontrará com a realidade, com aquilo, que, de fato, possui existência efetiva. No entanto, com recepção deste postulado, na obra, o Sofista, Platão parece possuir uma certa discordância diante desta premissa.

Realidade e verdade são postulados que são distintos. O primeiro é associado a compreensão de uma ontologia. O segundo é um postulado lógico, que promove de modo reflexivo por meio do entendimento a diferenciação entre os conceitos epistemológicos.

A verdade é objeto primaz, no pensamento platônico a ser buscado, mas é possível ler, uma certa, divergência entre ambos. Ao entendimento é possível incorrer no erro, este como se verá ao percurso deste trabalho, também, é possuidor de existência efetiva. De modo que, também, é possível, pensa-lo, declará-lo, e sobretudo demonstrá-lo.

Portanto, o falso, ou como apresentado no respectivos textos, o não-ser possui realidade cognoscente, por isso poderá ser pensado, como também promover uma impossibilidade ao ser cognoscente de compreender, de fato, a verdade.

Assim, o presente trabalho visa discutir, de que modo no diálogo, o Sofista, o problema é recepcionado, como também seu postulado na formação do enunciado, e conseqüentemente, o processo linguístico da mensagem ofertado pelo enunciador ao receptor.

2. DA NATUREZA

Para Parmênides a filosofia não só deve buscar a compreensão daquilo, que são as coisas, mas inferir sobre a demonstrabilidade do conhecimento compreendido pelo entendimento. Deste modo, na filosofia parmenidico a pergunta sobre o que conheço? E como conheço? Surgem como objeto para onde o pensamento deve-se direcionar.

Assim, entre a pergunta e a solução diante do postulado pelo entendimento, a capacidade em demonstrar o conteúdo referente ao objeto cognoscente, surge como necessidade dedutiva para a continuidade do processo de compreensão do pensamento. Por isto para Parmênides o problema epistemológico orienta-se, em torno de um método que assegure ao pensamento a compreensão efetiva da realidade cognoscente.

Deste modo cabe-nos uma indagação, se Parmênides acredita que a reflexão filosófica, encontra-se diante de um problema de método, para continuidade do desenvolvimento cognitivo acerca do conhecimento, qual a solução para este pressuposto? Para o pensamento parmenidico a reflexão intelectual deve se orientar sob a lógica dos termos pressuposto pelo entendimento.

Assim, antes de entramos no problema de sua teoria do conhecimento, faz-se necessário um esclarecimento breve referente a seus escritos, neste caso, a única obra que se atribui ao pensador de Eleia: O Poema Da Natureza¹. Aqui, não pretendemos discutir aspectos sintáticos, filológicos referente ao poema, mas expor a estrutura do referido poema e, por conseguinte situar onde reside a discussão deste presente trabalho.

O poema Da Natureza apresenta-se sob três aspectos estruturais: O primeiro momento do verso I ao verso XXVII encontra-se a apresentação do poema, onde Parmênides inicia-o sob forma de alegoria e proclamando a deusa, que o direcione ao caminho seguro do conhecimento. Segundo Cordero (2004), Parmênides direciona sua discussão em forma de poema pelo seguinte motivo: ‘Despertar o interesse do maior público possível, e por ele ser lido’ (p. 17). Sobre isto há uma certa pertinência por parte de Cordero, pois Platão na obra o Sofista comentar que Parmênides em outros momentos da vida intelectual recorria ao método de perguntas e respostas (217 c). Apesar de ser um escrito de aspecto filosófico como frisa Cordero, não se pode deixar, de perceber o modo de como o próprio poema fora escrito, na estrutura de hexâmetro² épico de Homero e Hesíodo. Corroborando deste modo a intenção de popularizar sua reflexão filosófica.

¹ Utilizaremos o texto bilíngue de Nestor Luis Cordero 2004.

² Estrutura métrica do poema, que foi inscrito em pan-helênico Cordero 2004.

O segundo momento do poema encontra-se no conteúdo epistemológico, onde Parmênides comenta, que se pode encontrar conhecimento diante da realidade cognoscente dos versos XXVIII aos versos LIX³ fragmento 2 ao fragmento 9. No terceiro e último momento no poema de Parmênides desenvolve-se a reflexão acerca da cosmologia do verso LX ao verso XCIX, fragmento 10 ao fragmento 19.

Assim, após esta breve apresentação sobre a estrutura do poema e, conseqüentemente, localização ao que vamos discutir neste trabalho, passemos à análise dos referidos fragmentos. E, deste modo discutir as implicações lógicas do entendimento promovidas por Parmênides.

Como mencionamos anteriormente o problema das implicações lógicas verificadas por Parmênides, encontra-se no pressuposto da indagação sobre de como conhecemos aquilo que afirmamos compreender. Leia-se o Da Natureza nos versos II ao verso VIII.

São os únicos caminhos de investigação que há para pensar. Um, por um lado, para pensar que ‘é’, e que não é possível não ser, é o caminho da persuasão, pois acompanha a verdade. Outro, por outro lado, para pensar que não ‘é’, e que é necessário não ser; digo-te que esse caminho é completamente incognoscível, pois não conhecerás o que não é (pois é impossível) nem o enunciarás.

όδοι μούναι διζήσις εἰσι νοῆσαι. ἡ μὲν ὅπως ἔστιν τε καὶ ὡς οὐκ ἔστι μὴ εἶναι, πειθοῦς ἔστιν (ἀληθείη γὰρ ὀπηδεῖ) ἡ δ' ὡς οὐκ ἔστιν τε καὶ ὡς χρεῶν ἔστι μὴ εἶναι, τὴν δὴ τοι φράζω παναπευθέα ἔμμεν ἀταρπόν. ὄυτε γὰρ ἂν γνοίης τό γε μὴ ἔόν(οὐ γὰρ ἀνυστόν) οὐτε φράσαις.

A partir da referida citação Parmênides aponta as vias onde aquele, que se volte para busca do conhecimento, pode inferir sua ação intelectual, para uma compreensão da realidade cognoscível. Para o pensador de Eleia, só há dois modos, pelos quais o pensamento pode direcionar sua capacidade reflexiva.

O primeiro caminho seria o da verdade em sua completude, onde a atividade reflexiva do pensamento encontrará a sustentabilidade do conhecimento. Pois, a verdade é o objeto cognoscível em que toda ação intelectual busca compreender. De tal modo, que o pensamento ao inferir sobre o que são as coisas, exige a compreensão de valor lógico sobre aquele objeto. Compreensão lógica, neste sentido, é o que se atribui a constituição existencial dos objetos cognoscentes.

Neste sentido, a verdade dá-se em analisar, se o que o agente cognoscente afirmar como aquilo que é, de fato, possui os predicados que o constituem. Portanto, a verdade assume na reflexão parmenidica, algo mais pleno que à análise do pressuposto existencial,

³ Este trabalho pautara-se em discutir os versos XXVIII ao verso LIX do fragmento 2 ao fragmento 8.

mas também de valor lógico de verdade ou falsidade referente a sua constituição conceitual, promotora de uma referência significativa de conteúdo.

Este pressuposto encontra-se na análise epistemológica sobre o que estou afirmando. Como por exemplo a água em Tales de Mileto, que é identificada como arché do cosmo. Compreender esta afirmação a partir do pressuposto parmenidico, exige-se uma compreensão do elemento em sua constituição existencial. Sobre isto comenta Trindade (2012) o objeto cognoscível exige uma análise não só de existência deste objeto, mas também compreender os modos de identitativo, veritativo e predicativo.

Estão interligados na estrutura cognitiva referente ao objeto cognoscível, pois observando a existência do objeto, a necessidade de compreender a identidade referencial que afirmo, que este objeto é, torna-se necessário para o processo qualitativo do entendimento.

Por isto Tales de Mileto ao afirmar que seria água a arché do cosmo, a identidade do elemento físico é revelada ao entendimento, na medida que afirmamos isto é, nossa capacidade cognitiva apreende a constituição existencial deste objeto.

No entanto, relações sobre o referido objeto devem ser analisadas. O problema do objeto identificado pelo entendimento, de fato, é verdadeiro, de tal modo a compreensão surgirá no momento em que o entendimento verificar a estrutura significativa do termo proposto pelo entendimento.

Assim, a partir das relações identitativo, veritativo, e predicativo a estrutura existencial do termo postulado pelo entendimento torna se possível a compreensão, e, por conseguinte a demonstrabilidade cognitiva do objeto cognoscente. Por isto ambos os termos estão relacionados a compreensão lógica do elemento cognoscível.

Na outra via de modo lógico Parmênides atribui a análise do NÃO-SER. Deste modo esta segunda via existe como algo dedutivo, pois se existe um caminho onde se encontra conteúdo de valor lógico de verdade, consequentemente existe seu contrário, neste sentido a falsidade (NÃO-SER). Parmênides atribui a esta via a não existência de conteúdo cognoscível, portanto direcionar o pensamento para a compreensão do NÃO-SER é um erro dada incognoscibilidade para o entendimento.

Assim, aquele que direcionar seu pensamento por esta via, não poderá encontrar conhecimento sobre a realidade cognoscente e, desse modo adquirir uma reflexão intelectual segura, ao que está posto para capacidade cognitiva. Sobre esta segunda via cabe-nos um determinado esclarecimento, se não há conteúdo epistemológico, nesta via, qual o motivo de inferir sobre sua realidade existencial?

A problemática não se encontra em compreender os objetos em seus aspectos ontológicos como por exemplo se há A, seu contrário seria então NÃO-A, o que de fato é algo compreensível a impossibilidade existencial. A questão reside ao respeito sobre aquilo, que estou a declarar como objeto cognoscível, por isto o problema epistemológico reside se o que afirmo de A é realmente A.

Em não sendo A, naturalmente, conclui-se que, aquilo que afirmo sobre A, inevitavelmente encontra-se NÃO-A, ou seja, aqueles pressupostos que afirmo de A, este elemento não os possui, de modo que o discurso que estou a inferir referente ao elemento A, não possui um aspecto conceitual, nem tão pouco nos conduzirá a uma compreensão, sobre o que são os elementos cognoscentes. Portanto, o que estou a inferir sobre A é uma reflexão falsa sobre a compressão de A.

Contudo, cabe-nos um esclarecimento sobre como Parmênides estas deduções referentes ao SER e NÃO-SER são realizadas pelo entendimento, ou de valores lógicos verdade ou falsidade. Sobre este postulado comenta Cordero (2004) “um século (ou talvez menos) antes que Platão, Parmênides está consciente das noções de “mesmidade” e “alteridade” e do fato de que uma supõe a outra” p. 189. Assim, por meio da estrutura da linguagem em seus aspectos semânticos, Parmênides compreende as inferências dedutivas do significado linguístico do objeto.

Por isto Cordero (2004) comenta que a aporia reside não no aspecto existencial dos referidos termos ‘É e NÃO-É’, mas naquilo que se declara de ambos, de modo que não é arbitrário, nem contraditório da parte de Parmênides, afirmar que há dois caminhos em que o pensamento pode direcionar sua capacidade reflexiva, a fim de inferir sobre os conteúdos epistemológicos, que norteiam a realidade cognoscente.

Com esta delimitação Parmênides procura responder a aporia primeira referente ao que se afirmar saber. Neste sentido, como posso conhecer, aquilo que afirmo compreender. Sobre isto comenta Trindade (2002). “É preciso que forneça garantias, que mostre em que é que o seu saber se distingue dos outros e pode ser considerado como tal” (p. 61). Deste modo, o que Parmênides está inferir são as relações demonstráveis a respeito do conhecimento, promovido pela atividade de refletir. Pois, segundo a perspectiva parmenidico, o problema maior não é o que compreendo, mas como compreendo, aquilo que afirmo saber. Para que, deste modo aquele saber possa tornar-se um conhecimento consistente e, sobretudo possa ser um saber possuidor de referenciabilidade.

Com esta delimitação de como podemos inferir nosso pensamento em direção ao conhecimento, Parmênides procura demonstrar em que e, sobretudo comprovar aquilo, que se afirma saber, ou em outras palavras, demonstrar a veracidade lógica do discurso referente ao objeto cognoscente. Por isto Trindade (2002) conclui que em Parmênides: “‘saber algo’ é, em geral, deter o conhecimento efetivo sobre qualquer assunto e proporcionar aos outros a evidência do fato” (p. 59). Assim, em Parmênides um conhecimento não é algo arbitrário ao entendimento, mas é um encadeamento logico-dedutivo e demonstrável.

Assim, surge uma indagação, se o pensamento deve direcionar a atividade intelectual sob o referido método, como pode haver erro na compreensão intelectual? Em seguida, mesmo com a existência destes pressupostos, que certeza teremos referente àquilo, que afirmo que é saber intelectual?

Em resposta a esta primeira indagação encontramos nos versos 51 a 56 do referido poema Da Natureza de Parmênides à seguinte colocação:

As opiniões dos mortais, escutando a ordem enganosa de minhas palavras. Eles estabeleceram dois pontos de vista para nomear as aparências, às quais não unificam necessariamente-e nisso estão equivocados-:distinguem uma forma contrária a si mesmo e oferecem provas separadas de uma e de outra.

δόξας δ' ἀπὸ τοῦδε βροτείας μάθανε κόσμον ἐμῶν ἐπέων ἀπατηλὸν ἀκούων.
μορφὰς γὰρ κατέθεντο δύο γνώμας ὀνομάζειν. τῶν μίαν οὐ χρών-ἐν ᾧ πεπλανημένοι
εἰσίν-ἀντία δ' ἐκρίναντο δέμας καὶ σήματ' ἔθεντο χωρὶς ἀπ' ἀλλήλων, τῇ μὲν φλογὸς
αιθέριον τῷρ.

O problema do erro de acordo com a referida citação é identificado por Parmênides na opinião dos mortais. Compreendida por uma percepção, que o ser cognoscente possui e, deste modo direciona-o para à reflexão da realidade cognoscível como um todo.

A opinião⁴ (δόξα) que os mortais possuem, não passa, segundo Parmênides, de uma aparência no conhecimento. Promovem uma divisão da realidade, sem que isto seja possível. De tal modo, nomeiam a realidade com uma variedade de nomes versos 38, sem contudo promover uma condução do conhecimento verdadeiro. Assim, estes nomes que nomeiam não estabelecem nenhum conceito referencial da realidade. Portanto, conduzindo a reflexão para um caminho infinito e, conseqüentemente, impelindo ao entendimento a incognoscibilidade da realidade cognoscível.

⁴ Sobre a opinião dos mortais alguns comentadores, enxergam um terceiro caminho a ser percorrido pelo entendimento, no entanto como bem afirmou Cordero, Parmênides delimitou, logo no fragmento segundo de seu poema, que só existe apenas dois caminhos, assim, esta conclusão de um terceiro caminho é uma leitura platônica por parte dos comentadores.

A explicação parmenidica sobre o problema de nomeação promovido pelos mortais, torna-se compreensível a partir dos exemplos dos nomes citados no poema, nomes estes encontrados no infinitivo como: nascer, morrer, ser e não-ser. A exortação para este entendimento dá-se a partir do significado de que ambos são possuidores.

Se um elemento nasce é porque antes não existia, se morreu significa que deixou de existir, ser e não-ser que no poema aparecem pela conjunção aditiva, possuidora do significado de soma, compreende que um termo está associado a outro, assim o ser poderia surgir de um não-ser, como um não-ser surgiria um ser. Relação esta que para Parmênides é desprovida de significado e compreensão para o entendimento.⁵

Por isto Parmênides afirmar no verso 42 que há um limite supremo na realidade e, de modo existencial é algo completo, portanto buscar na variedade por aquilo, que é uno⁶, não nos conduzirá ao conhecimento das coisas que são. Deste modo, ao responder onde reside o erro, torna-se imperioso responder a outra pergunta, por que em Parmênides pode haver uma certeza conceitual sobre a realidade? Conforme indagação promovida anteriormente.

Assim, a solução para referida indagação por parte de Parmênides, dá-se do seguinte modo, leia-se os versos 1 e 2 do fragmento 6:

É necessário dizer e pensar que sendo, se é; pois é possível ser, e o nada não é.

χρὴ τὸ λέγειν τὸ νοεῖν τ' ἐὸν ἔμμεναι. ἔστι γὰρ εἶναι, μηδὲν οὐκ ἔστιν.

A solução encontrada por Parmênides dá-se do seguinte modo: À medida que atividade intelectual pensa sobre A, este pressuposto de pensar sobre A é suficiente, para que o elemento passe a ter existência, esta propriedade de existir é o efeito da atividade do pensamento, que se volta para a compreensão do pressuposto cognoscível. Portanto, em Parmênides o pensamento por si, compreende o ser, como também o pensamento conduz-nos para uma compreensão inquestionável do ser. Já que só se pode pensar aquilo, que existe na realidade cognoscente.

De modo que o discurso proclamado no poema encontra-se em consonância com aquilo, que a atividade intelectual de pensar, sobre o objeto cognoscível foi responsável pela condução do entendimento. A verdade é o único objeto, neste sentido, que pode ser conhecida

⁵ Sobre esta análise diante dos referidos termos mencionados, consultar a obra Sendo se É: A tese de Parmênides, de Nestor Cordero, 2004.

⁶ Para Parmênides a realidade é uno em sua totalidade, aqui reside o problema do imobilismo ontológico do Ser.

e, sobretudo compreendida. Logo, o leitor pode perguntar pelo presente termo encontrado no segundo momento do enunciado, o que seria o nada não é?

O nada em Parmênides seria algo desprovido de qualquer conteúdo, que nos promova algum conhecimento, como bem afirmou Cordero (2004) “neste sistema, a negação não é outra coisa que a ausência de um fato cognoscível” (p.89). Assim, por ser um caminho onde não se encontra um formato de valor conceitual, não se pode continuar conduzindo o pensamento em direção do incompreensível.

Assim, Parmênides conclui que a ação de pensar sobre A, por si é um elemento promovedor da realidade cognoscente por meio do entendimento. O pensamento por não ser possível compreender aquilo, que não possui existência, não lhe cabe investigar sobre seu conteúdo. De modo que, verdade e realidade são pressupostos interligados na existência. Por isto Trindade (2002) conclui: “É o único domínio em que afirmação, a realidade e a verdade coincidem” (p. 79). Portanto, os objetos do pensamento é compreender a realidade e, por conseguinte encontrar a verdade inerente em sua existência.

Neste ponto Parmênides acredita na impossibilidade do erro como algo promovido pelo entendimento, de tal modo, o erro para o entendimento não possui existência em suas implicações lógicas. Embora, atribua as opiniões dos mortais a localidade intelectual onde habita o erro. Sobre as opiniões dos mortais, comenta Cordero (2011) “Todo sistema filosófico, ideologia, maneira de pensar ou que for que ignore a tese segundo a qual “sendo, se é”, será vítima das opiniões, pois estará condenado a relativizar o fato de ser e fazê-lo conviver com seu contrário, o que não está sendo”. (p.188). Portanto, a opinião em Parmênides, diferentemente, de Platão não há conteúdo epistemológico, de modo que, o problema surge como relação metódica de como lanço-me para compreender a realidade e, conseqüentemente, afirmar que existe saber diante do postulado pela opinião.

Assim, o que a opinião possui é uma percepção do real, contudo sem compreender o real enquanto tal. Na crítica posterior, sobretudo Platão irá recepcionar este postulado, como também irá conduzir o problema do erro como algo possível a existência no entendimento. No entanto, cabe nos lembrar, que a opinião, não será objeto deste trabalho. Mas, sim, o problema do NÃO-SER e sua recepção no diálogo platônico, o Sofista. Sendo assim, na continuidade deste trabalho iremos percorrer as implicações entre SER e o NÃO-SER, e conseqüentemente a formulação do enunciado.

3. O PROBLEMA DE DECLARAR O SER

Como vimos no capítulo anterior Parmênides não concebe, que o entendimento possa incorrer no erro, por isso a via do NÃO-SER, ser uma caminho incognoscível. Porém, para Platão esta via do NÃO-SER existe, e sendo assim, o pensamento poder incorrer no erro e, por conseguinte não permitir ao entendimento compreender as coisas que são, e as que não são.

Portanto, este capítulo iniciará a discussão da recepção sobre a via do NÃO-SER e, por conseguinte suas implicações diante da tradição filosofia, pois trata-se de um projeto audacioso da parte de Platão, porque a partir desta afirmação, ou seja, da existência do NÃO-SER, Platão entrará em um confronto com seu pai filosófico, conforme o seguinte passo do Sofista:

Que, para nos defendermos, ser-nos-á pôr à prova o discurso do nosso pai Parmênides e impor-lhe pela força que o que não é de certo modo é e por sua vez também o que é de algum modo não é. (241 d).

τὸν τοῦ πατρὸς παρμενίδου λόγον ἀναγκαῖον ἡμῖν ἀμυνομένοις ἔσται βασανίζειν, καὶ βιάζεσθαι τό τε μὴ ὄν ὡς κατὰ τι καὶ τὸ ὄν πάλιν ὡς οὐκ ἔστι τη.

A partir da referida citação Platão já descreve o desafio, que terá pela frente, pois não se trata apenas de discutir o pressuposto parmenidico, mas também de ampliar o horizonte discursivo da temática. A labuta intelectual é tão desafiadora, que Platão se refere ao seu antecessor intelectual de Pai, isto é, de sua referência intelectual.

Ora, Platão não duvida daquilo, que Parmênides declarou antes, conforme a referida citação, contudo sua discordância com seu pai intelectual reside em que de alguma forma as coisas que são, de algum modo não são. Assim, não ser algo, não significa, que este objeto não é possuidor de realidade, mas, que é algo substantivamente diferente, sendo assim a discussão não é um problema ontológico, mas, sim, epistemológico.

Deste modo Platão passa a atribuir existência efetiva as coisas que não são e, por conseguinte ultrapassando a linha limite proposta por Parmênides de Eleia. Esta proposta discursiva de discutir as coisas que não são como existentes, não é de todo fácil. Por isso o Estrangeiro de Eleia provoca a Teeteto para a possibilidade de não continuar com a presente discussão: “devemos ousar agora aplicar-nos ao argumento do pai ou deixa-lo completamente de lado”. (242c).

A presente proposta de abandonar a discussão é rejeitada por ambos, tanto pelo Estrangeiro de Eleia, provocador do debate, como também por Teeteto que o acompanha na presente análise epistemológica. Conforme as palavras do Estrangeiro de Eleia: “examinar as

coisas que parecem claras” (242 c). Assim, o Estrangeiro está destinado a enfrentar este embate junto com Teeteto.

Compreender algo a luz do entendimento é não restar dúvida referente aquilo, que se afirmar compreender. Destarte, conhecer algo, não é apenas declarar sobre este objeto, mas também demonstrar o que se compreende sobre este objeto. Por isso justifica-se a fala do estrangeiro, “parece-me que Parmênides, bem como todo aquele que alguma vez tentou delimitar criticamente quantas e quais são as coisas são, discorreu com muita ligeireza”. (242c).

Portanto, a atividade intelectual do entendimento em relação a algo, deve-se estruturar com clareza, que não nos permita dúvida a respeito daquilo, que se declara como compreensível ao entendimento e, sobretudo como objeto de verdade para cognição do enunciador como para o receptor.

Assim, cabe-nos esclarecer como Platão compreende o NÃO-SER, já que não basta apenas declara sua existência, há necessidade de discorrer o modo de sua existência, e de que modo isto poderá impossibilitar a capacidade intelectual do entendimento de compreender as coisas como são. Conudo, segundo o Estrangeiro, declarar, também, o SER não é tarefa fácil.

Parece que cada um deles nos narrou um mito, como se fôssemos crianças. Um, que são três as coisas que são, que algumas vezes guerreiam de algum modo umas com as outras, e, depois, tornando-se amigas, casam, fazem filhos e alimentam-nos. Outro, tendo dito que são dois, o húmido e o seco, ou quente e o frio, fê-lo coabitar e casar-se. Uma gente de Eleia, começando a partir Xenófanes e mesmo antes dele, conta que todas coisas são chamadas a partir de um ser, e desse modo desenvolvem os seus mitos. E algumas Musas Jônicas e mais tarde umas Sicilianas refletiram e chegaram à conclusão de que seria mais seguro combinar as duas histórias e dizer que o que é múltiplo e único, e que é congregado pelo ódio e pela amizade. Pois, o que se separa sempre se reúne, ódio pela amizade. Pois, o que se separa sempre se reúne, dizem as Musas mais firmes, enquanto as mais gentis deixaram essas coisas ficar assim soltas, acrescentando que, num momento em parte o todo é um amigo, sob o efeito de Afrodite, e, em outro momento, é múltiplo e guerreia contra si mesmo, por causa de uma certa discórdia. Tudo isto, se algum desses aí disse a verdade ou não, é excessivamente difícil e impróprio atribuir a homens tão famosos e antigos. Mas uma outra coisa pode ser manifesta sem constrangimento. **SOFISTA, 242 C- 242D.**

μῦθόν τινα ἕκαστος φαίνεται μοι διηγέσθαι παισὶν ὡς οὖσιν ἡμῖν, ὁ μὲν ὡς τρία τὰ ὄντα, πολεμεῖ δὲ ἀλλήλοις ἐνίοτε αὐτῶν ἅττα πη, τοτὲ δὲ καὶ φίλα γιγνόμενα γάμους τε καὶ τόκους καὶ τροφὰς τῶν ἐκγόνων παρέχεται: δύο δὲ ἕτερος εἰπών, ὑγρὸν καὶ ξηρὸν ἢ θερμὸν καὶ ψυχρὸν, συνοικίζει τε αὐτὰ καὶ ἐκδίδωσι: τὸ δὲ παρ’ ἡμῖν Ἐλεατικὸν ἔθνος, ἀπὸ Ξενοφάνους τε καὶ ἔτι πρόσθεν ἀρξάμενον, ὡς ἐνὸς ὄντος τῶν πάντων καλουμένων οὕτω διεξέρχεται τοῖς μύθοις. Ἰάδεις δὲ καὶ Σικελαί τινες ὕστερον Μοῦσαι συνενόησαν ὅτι συμπλέκειν

O Estrangeiro de Eleia em seu diálogo com Teeteto aponta sua inquietação sobre a compreensão do que é o SER, pois, conforme o passo (242 c), já citado anteriormente, o

entendimento além de analisar as coisas, que lhe parecem claras, deve se pautar sob uma reflexão intelectual, que conduza o indivíduo cognoscente a uma maturidade intelectual diante do exposto como conhecimento, conforme suas palavras no referido passo: “não vá nos vermos abraçados nelas, concordando facilmente um com outro, como se tivéssemos distinguindo bem”. Portanto, o indivíduo que conhece deve possuir clareza diante do objeto cognoscível exposto ao entendimento. Assim, o indivíduo que conhece, possui em sua capacidade cognitiva a compreensão dos objetos cognoscentes, em sua estrutura ontológica, como também epistemológica.

Por isso sem possuir a compreensão necessária para empreitada intelectual, possuindo apenas informes sobre o que são os objetos, o Estrangeiro de Eleia se coloca como possuidor de um conhecimento sem bases intelectuais diante do Ser, “parece que cada um deles nos narrou um mito, como se fôssemos criança” (242c). Sendo assim, é necessário uma busca de compreensão efetiva do que são os objetos. Portanto, parece que, o Estrangeiro está provocando Teeteto para um desafio, que é a capacidade intelectual em seu desenvolvimento cognitivo.

Assim, o Estrangeiro segue em suas colocações sobre o que são as coisas nos passos 242c e 242 d, à medida em que narra para Teeteto sobre a cosmologia vigente “Um, que são três as coisas que são, que algumas vezes guerreiam de algum modo umas com as outras, e depois, tornando-se amigas, casam, fazem filhos e alimentam-nos...” logo, o Estrangeiro começa a demonstrar a impossibilidade intelectual diante do exposto, julgava-se ter alguma compreensão sobre o que são as coisas, contudo percebe-se a incapacidade cognitiva diante do exposto.

O receptor deste modo não desenvolve a capacidade intelectual, capaz de promover ao seu entendimento discernimento sobre os objetos cognoscentes. Por isso segue a fala do Estrangeiro “pois em nada se preocupam se os acompanhamos ou se ficamos para trás nas coisas que dizem” (243b). Portanto, ao ser cognoscente a capacidade de discernir, encontrar-se com limitações cognitivas. Sendo assim, não possuindo autonomia reflexiva diante daquilo, que se julgava compreender. Por isso a significação dos objetos cognoscentes encontra-se comprometida para o receptor, como também para o enunciador, pois ambos não possuem clareza do exposto como conhecimento, conforme citação:

Quando algum deles abre a boca dizendo que é, ou que veio a Ser, ou vem a ser muitos ou um, ou dois, e que o frio por sua vez se mistura ao quente, supondo aqui combinações, lá separações, Teeteto, pelos deuses, compreendes o que dizem com cada uma destas coisas? Pois eu, quando era mais jovem achava que entendia

exatamente isso em que agora hesitamos, quando alguém dizia o não-ser., mas agora, estás a ver como estamos na aporia a respeito disso. (243 b).

ὅταν τις αὐτῶν φθέγγηται λέγων ὡς ἔστιν ἢ γέγονεν ἢ γίνεται πολλά ἢ ἓν ἢ δύο, καὶ θερμὸν αὖ ψυχρῶ συγκεραννόμενον, ἄλλοθί πη διακρίσεις καὶ συγκρίσεις ὑποτιθεῖς, τούτων, ὃ θεαίτητε, ἐκάστοτε σύ τι πρὸς θεῶν συνίης ὅτι λέγουσιν; ἐγὼ μὲν γὰρ ὅτε μὲν ἦν νεώτερος, τοῦτό τε τὸ νῦν ἀπορούμενον ὁπότε τις εἴποι, τὸ μὴ ὄν, ἀκριβῶς ὄμην συνιέναι. νῦν δὲ ὄρᾳς ἴν' ἐσμὲν αὐτοῦ πέρι τῆς ἀπορίας.

Assim, o Estrangeiro demonstra a Teeteto onde reside o problema: No significado dos termos. “Pode acontecer que talvez quando ao ser ficarmos tomados por essa mesma afecção na alma. Dizemos que há dificuldade nele e entendemos sempre que alguém pronuncia a palavra”. Portanto, o Estrangeiro demonstra a Teeteto que ambos os termos SER e NÃO-SER possuem problemas significativos para o entendimento. Por isso descreve para Teeteto a seguinte conclusão do porquê investigar este pressuposto, que antes acreditava já ser solucionado “Acaso não é evidente que afirmas ser preciso investigar completamente o ser, o que por acaso os que falam julgam que ele revela” (243d). Portanto, a análise significativa dos termos é algo, que deve ser enfrentado tanto pelo Estrangeiro como por Teeteto, para que ambos possam chegar a algum discernimento, de fato, sobre o problema exposto. Assim, nos passos 243 d e 243 e, o Estrangeiro propõe o caminho a ser percorrido para investigação, o qual ambos estão inseridos. Conforme citação:

Agarraste-me pelo pé, Teeteto. Com efeito, digo que é por aí que é preciso organizar nosso roteiro, interrogando-os, por exemplo, como se estivessem presentes. “vamos lá, quantos de vós que dizem que todas as coisas são quente e o frio ou quaisquer dois que tais, por que calha pronunciarem isso ambos, ao afirmar que ambos e cada um é dois é? Que iremos supor ser esse vosso é”? De duas uma, é um terceiro ao lado daqueles dois e o todo é três, ou, ao contrário, segundo vós, ainda postulamos dois? Pois, em algum lugar, ao chamar outro ser aos dois, dizeis que um e outro são semelhante, pois, um e outro quase seriam um, mas não dois” (243 d-243e).

κατὰ πόδε γε, ὃ θεαίτητε, ὑπέλαβες. λέγω γὰρ δὴ παύτη δεῖν ποιεῖσθαι τὴν μέθοδον ἡμᾶς, οἷον αὐτῶν παρόντων ἀναπυθνασθαι ὧδε. “Φέρε, ὁπόσοι θερμὸν καὶ ψυχρὸν ἢ τινε δύο ποιούτω τὰ πάντ' εἶναί φατε, τι ποτε ἄρα τοῦτ' ἐπ' ἄμφοιν Φθέγγεσθε, λέγοντες ἄμφω καὶ ἐκάτερον εἶναι ” τοῦτο ὑπολάβωμεν ὑμῶν; πότερον τρίτον παρὰ τὰ δύο ἐκεῖνα, καὶ τρία τὸ πᾶν ἄλλα μὴ δύο ἔτι καθ' ὑμᾶς τιθῶμεν; οὐ γὰρ του ποῖν γε δυοῖν καλοῦντες θάτερον ὄν ἄμφοτέρα ὁμοίως εἶναι λέγετε. σχεδὸν γὰρ ἂν ἄμφοτέρως ἓν, ἀλλ' οὐ δύο εἶτην.”

O Estrangeiro de Eléia interroga a Teeteto: “Mas, será que quereis chamar ambos ser?”. Em seguida a resposta de Teeteto a referida indagação surge com um certo receio na resposta, ou seja, não possui uma convicção intelectual diante do exposto, portanto Teeteto atribui como resposta apenas um talvez, colocando deste modo sua falta de convicção diante do exposto.

Contudo, as aferições diante daquilo, que é o ser continuam, no passo seguinte 244 a o Estrangeiro prossegue, “Mas então, meus amigos, assim diríeis mais claramente que os dois são um”. Com esta colocação o Estrangeiro começa a mostrar a Teeteto a dimensão do problema, pois será possível dois objetos serem o mesmo, deste modo a individualidade existencial dos objetos cognoscentes, estaria comprometida para um discernimento plausível a luz do entendimento.

Sendo assim, a capacidade cognitiva de diferenciação dos objetos seria inevitavelmente impossível. Por exemplo diferenciar um objeto A de um outro objeto B, conforme Marques (2006) descreve Platão com um pensador da diferença, ou seja, que busca uma compreensão do logos em seu enunciado.

Deste modo, Marques (2006) segue em seu comentário: “O nome compartilhado e as noções particulares não lhe bastam. O caminho anunciado deve levar além, ou seja, deve tornar possível “homologar” a coisa mesma, através de discursos, formulações ou definições” (p. 62). Portanto, o problema não está apenas em declarar o que é o SER, conforme a tradição tanto a declarou. Mas, discernir e ser capaz de demonstrar como aquilo, que anuncio é de fato algo cognoscível.

Por isso o Estrangeiro segue em sua empreitada “o que por acaso quereis sinalizar, quando pronunciais “ser”; pois é evidente que conhecíeis essas coisas já há muito tempo, enquanto que nós antes julgávamos saber, mas agora estamos em dificuldade” (244 a e 244b). A partir desta fala o Estrangeiro quer demonstrar para Teeteto, que apenas declarar algo não é suficiente, portanto é exigível que o enunciado deve possuir correspondência significativa com o objeto. Sendo assim, a demonstrabilidade daquilo, que declaro deve ser, substantivamente, evidente para o entendimento.

Sobre isto Marques (2006) comenta: “A pesquisa compartilhada visa a obtenção de um logo que ultrapasse as perspectivas de cada um dos interlocutores” (p. 62). Portanto, tanto o anunciador como o receptor devem ser capazes de discernir a mensagem do enunciado. Por isso o Estrangeiro conclui da seguinte maneira “Ao dizer isto e ao exigir respostas da parte desses aí e na frente dos outros, de quantos dizem que o todo é mais do que um, por acaso, meu jovem, estaremos cometendo um erro?” (244b). À medida que a conclusão surge, em um certo sentido, ou seja, da dificuldade para uma definição do que seja o SER, o Estrangeiro já lança a seguinte interrogação, conforme a seguinte citação:

O quê? Aos que dizem que o todo é um, será que não se deve perguntar, na medida de nossas forças, o que por acaso dizem que o ser é? (244b).

τόδε τοίνυν ἀποκρινέσθων. Ἐν τοῦ Φατε μόνον εἶναι; - Φαμὲν γάρ, Ἰφῆσουσιν. ἦ γάρ;

A partir desta indagação promovida pelo Estrangeiro para Teeteto, aquele obtém uma resposta conclusiva, como também volta a pergunta, pois como não seria possível o todo ser um. O problema reside justamente a partir desta conclusão. Por isso o Estrangeiro segue com suas indagações diante da resposta de Teeteto.

No passo, 244 b o Estrangeiro interroga a Teeteto “vós dizeis que só um é?” A resposta para esta indagação parece óbvia conforme resposta afirmativa por parte de Teeteto. Entretanto, o Estrangeiro não se convence de algo tão óbvio, por isso continuar a interrogar em 244 b “chamais algo “ser”? Assim, continua Teeteto respondendo de modo afirmativo, tudo está aparecendo tão claro, que a princípio, não é necessário a continuidade de tão exaustiva pesquisa.

Porém, parece que, o Estrangeiro é possuidor de um espírito demasiado duvidoso diante das coisas suspeitas de evidência, por isso lança outra interrogação para verificar se as afirmações diante dos postulados para Teeteto, de fato, estão corretos e, por conseguinte não necessita de mais indagação para o referido problema.

Por isso o Estrangeiro em 244c questiona a Teeteto do seguinte modo: “De duas uma; como a “um”, servindo-se de dois nomes para o mesmo, ou como?”. Com esta interrogação o Estrangeiro demonstra a incompatibilidade conceitual das respostas dadas por Teeteto. Na possibilidade de um único nome ser substantivo para conceituar dois objetos. Pois, se assim fosse como poderá haver diferenciação lógica dos objetos cognoscentes?

Portanto, o Estrangeiro de Eleia conclui a princípio em 244c, que é impossível dois nomes postularem um mesmo objeto. Ou seja, dois nomes diferentes não podem conceituar um mesmo objeto. Por isso sua observação diante do exposto de dois nomes postularem o mesmo objeto, o Estrangeiro definir como algo ridículo. Logo, em sua empreitada o Estrangeiro fará uma outra observação “Ao postular que o nome é diferente da coisa, de algum modo, ele diz que são dois”. 244b. Assim, ao propor esta possibilidade, o Estrangeiro parece querer recuperar a referenciabilidade linguística dos termos, que enunciam os objetos.

Por isso segue seu comentário no mesmo passo “que o nome é o mesmo que a coisa”, porque se assim não for, será inevitável concluir, que o nome não é nome de nada e, portanto, sendo nome do nome não possui significância para um objeto cognoscível. Porém, ainda nos falta esclarecer, o porquê destas inferências por parte do Estrangeiro possui sustentabilidade.

“De toda parte é perfeito, semelhante ao corpo de uma esfera bem redonda, a partir do centro, em equilíbrio por toda parte, pois, nem maior, nem menor, aqui ou ali, é necessário que seja”. (244e).

πάντοθεν εὐκύκλου σφαίρης ἐναλίγκιον ὄγκῳ, μεσσόθεν ἰσοπαλὲς πάντη. τὸ γὰρ οὔτε τι μείζον οὔτε τι βαιότερον πελέναι χρεῶν ἐστι τῆ ἢ τῆ.

Com esta citação do Poema da Natureza, de Parmênides, o Estrangeiro começa a dar uma exposição mais objetiva do porquê de suas objeções pretéritas para Teeteto. Ora, se houve uma conclusão no passo 244 d que o nome e o objeto são as mesmas coisas, como pode os termos todo e um significarem o mesmo objeto?

O problema desta indagação reside em que Todo e Um são termos, que possuem significados distintos, por isso o Estrangeiro ver ambos os termos como referencial conceitual para um mesmo objeto, como algo que em nada esclarece ao entendimento.

Conforme, o conceito de todo é apresentado pelo passo anterior, como algo possuidor de centro e extremidades, logo o todo é algo, que possui partes, sendo, portanto, contrário à ideia do um, ou seja, que possui uma compressão voltada para a unidade.

Compreendo estas distinções nos referidos termos, o Estrangeiro segue a interrogar a Teeteto “nada impede que o tem partes imponha a todas elas a afecção do um, sendo dessa maneira tudo e ser e todo um” (245 a). A resposta de Teeteto vem em forma de interrogação no passo seguinte, contudo a definição seja concordando ou contrariando a referida colocação, não surge, para que ambos possam obter uma resposta favorável.

O núcleo do problema reside na dimensão significativa dos termos, pois um possui partes, e outro termo possui unidade. Por isso o Estrangeiro questiona “E o que tem essas afecções acaso não é impossível que seja ele mesmo o próprio um” (245 a). Com esta interrogação parece que, Teeteto percebe a dimensão do problema linguístico, que os termos possuem, quando indaga ao Estrangeiro de modo breve.

Assim, segue no diálogo a exposição do Estrangeiro “É na verdade, preciso que de todo o modo seja afirmado sem partes o que é verdadeiramente um, segundo o argumento correto” (245 a). A partir desta colocação o Estrangeiro demonstra para Teeteto, que o núcleo conceitual dos termos era contrário e, portanto, não poderiam ambos significar o mesmo objeto. Embora, ambos tenha compreendido a profundidade do problema, não conseguiram responder a esta respectiva indagação de modo satisfatório. Por isso a pergunta realizada pelo Estrangeiro.

Então, de duas uma, tendo a afecção do um, o ser será assim um e todo, ou de todo o modo não diremos que o ser é um todo? 245 b

τὸ δὲ γε τοιοῦτον ἐκ πολλῶν μερῶν ὅν οὐ συμφωνήσει τῷ λόγῳ.

Com estas interrogações sobre o Ser compreender-se por um e todo, ao mesmo tempo, ou de ser um todo, é algo de difícil escolha segundo Teeteto no seguimento do passo 245b. Isto porque conforme a continuidade do passo o Estrangeiro expõe a incompatibilidade de termos, à medida que questiona o todo como sendo afetado pelo um, descreve que, isto é impossível, pois o todo por possuir partes, não poderá ser o um, pois contém em sua estrutura existencial o quantificador maior que o um, conforme suas palavras: “É verdade o que estás a dizer. Pois, sendo o ser como afetado pelo um, manifestar-se-á que não é o mesmo que o um, e, na verdade, todas as coisas serão mais do que um” (245b). Destarte, evidencia-se a diferença significativa dos referidos termos, sendo assim, a impossibilidade de ambos conceituarem um mesmo objeto.

O todo deste modo pode se compreender como algo numericamente superior ao um. Sendo assim, Teeteto é conduzido a uma concordância com o Estrangeiro sobre esta estrutura dos referidos termos. Contudo, a exposição não se encontra por realizada, por isso segue o estrangeiro no referido passo a dialogar com o Teeteto sobre as relações significativas dos termos todo e um.

Assim, segue o Estrangeiro com sua exposição “E mais, se o ser não é um todo por ter sido afetado pelo um, sendo o todo em si, segue-se que o ser é carente de si mesmo”. Com esta colocação no referido passo em discussão, o Estrangeiro expõe a incompatibilidade do todo ser afetado pelo um. Sendo assim, o Estrangeiro expõe a possibilidade de o SER constituir uma privação de si mesmo.

Caso esta possibilidade vier a ser comprovada, poderemos inferir, que não existe conhecimento? Concluindo, deste modo a incognoscibilidade do ser. Possibilidade está confirmada por Teeteto. Deste modo segue a exposição do Estrangeiro “não sendo o todo absolutamente, essas mesmas dificuldades ocorrem ao ser, e, além de não ser, nem sequer virá a ser”. Com esta colocação o Estrangeiro coloca a possibilidade do ser não existir, conforme o afirmado anteriormente a possibilidade não existir conhecimento, colocação esta, em seguida, negada pelo Estrangeiro “O que veio a ser veio a ser sempre um todo; de todo modo que é preciso que aquele que não coloca o um e o todo entre as coisas que são nem fale de entidade, nem de geração”. Com esta fala por parte do Estrangeiro surge a exposição da

incompatibilidade com este raciocínio, ou seja, da possibilidade de o entendimento não vir a compreender e, sobretudo demonstrar aquilo, que se julgar conhecer com efetividade.

Na continuidade da reflexão o Estrangeiro continua expondo para Teeteto “é preciso qualquer quantidade; pois, qualquer quantidade que tenha tem de ser quanto um todo é”. Com esta exposição o Estrangeiro expõe para Teeteto não só apenas a distinção dos termos, como também demonstrar para o escolhido por Sócrates no início do diálogo a diferenciação dos termos, fato este, exigível pelo entendimento, para que deste modo possa promover às inferências intelectuais capazes de diferenciar os objetos. Obviamente, que o Estrangeiro reconhece a dificuldade da empreitada intelectual, conforme suas palavras “E por certo mil outras dificuldades insolúveis, cada um se manifestará a quem diz que o ser é dois, ou um somente”. O problema de definir o que é o ser, é reconhecido por ambos, ou seja, pelo Estrangeiro e Teeteto, por isso concluem ao final do passo sua investigação da seguinte forma: “dizer o ser em nada é mais fácil que dizer o que por ventura o não ser é”. Com esta conclusão, o que ficou evidente para ambos, pode se afirmar é que os termos todo e um, são termos possuidores de significados distintos, sendo assim o entendimento para conhecer algo, deve-se observar a diferencial dos objetos cognoscentes.

A partir desta reflexão sobre os termos todo e um, cabe-nos uma indagação sobre a capacidade do entendimento se referir aos objetos em seus aspectos linguísticos, para que, deste modo possa identificar as coisas que são, e que não são. Será que os nomes devem ser levados em consideração para definir os objetos apenas em sua dimensão conceitual? Aqui, neste passo a discussão não está entorno do sobre aspectos semânticos dos termos, ou sintáticas dimensões existentes na língua.

Mas, no fato, do entendimento ser capaz de distinguir o que são os objetos cognoscentes. Com destacou Marques (2006) “Através da noção de diferença, podemos articular os diferentes planos do diálogo: Os homens, os argumentos e as formas inteligíveis” (p. 36). Portanto, o que certamente este passo tenta concluir é a capacidade de diferenciação, que ao entendimento é possível em sua análise lógica dos objetos, e declarável por meio da linguagem. Assim, as mesmas aporias de declarar, e sobretudo demonstrar o NÃO-SER, de igual modo encontra-se o SER.

Assim, neste capítulo foi apresentado a recepção do NÃO-SER, como também as dificuldades de declarar o SER, na continuidade deste trabalho, será discutir a efetiva existência do NÃO-SER.

4. SUMOS GÊNEROS

Neste capítulo pretende-se discutir os Sumos Gêneros e suas relações participativas, postulados que antecedem a formulação do enunciado, como também a formulação significativa do NÃO-SER.

Os gêneros supremos daqueles que agora mesmo enumeramos são o ser, ele próprio, e o repouso e movimento. **SOFISTA, 254 D.**

μέγιστα μὴν τῶν γενῶν ἃ νυνδὴ διήμην τό τε ὄν αὐτὸ καὶ στάσις καὶ κίνησις

De acordo com a citação o Estrangeiro apresenta para Teeteto estes gêneros, como possuidores de existência. Em seguida, a esta afirmação, o Estrangeiro expõe para Teeteto, que, entre estes três gêneros citados, pelo menos dois são capazes de mistura (254 d), Teeteto, em princípio, parece concordar, já que, segundo o mesmo o passo, apenas, o SER é capaz de comunhão com os outros gêneros.

Deste modo o Estrangeiro afirma, que os gêneros são três, porém existem alguns esclarecimentos a serem feitos, sobretudo demonstrar as referidas afirmações sobre os Sumos Gêneros. Por isso a colocação do Estrangeiro diante da discussão no passo, (254 d), “Cada um deles é diferente dos outros dois, mas é o mesmo para si próprio”. Com esta colocação o Estrangeiro para Teeteto o problema em afirmar, que existe três gêneros.

A problemática reside em que o Estrangeiro buscar demonstrar a capacidade de diferenciação, existente entre os referidos gêneros. Diferença que permite uma relação individual de um gênero com outro gênero, sem que isto provoque algum tipo de nulidade de um gênero em relação ao outro gênero. Assim, esta compreensão de existência dá-se em relação a particularidade singular, que pertence ao gênero, o que, conseqüentemente, permiti-o diferenciar-se do outros, por isso a afirmação que o ser é o mesmo em relação a si mesmo, mas é diferente em relação ao outros dois.

No entanto, o Estrangeiro diante da referida análise, percebe que, encontra-se junto com Teeteto distante da compreensão, e sobretudo demonstrabilidade do objeto cognoscente, que, ambos buscam uma compreensão.

Mas então, que acabamos de dizer com o mesmo e outro? Será que os dois são gêneros diferentes dos outros três, necessariamente sempre os dois misturados com aqueles, e devemos examiná-los como se fossem cinco, mas não três; ou, sem nós mesmos percebemos, estamos denominando esse mesmo e o outro como algum daqueles? **SOFISTA, 254 E-255 A.**

τί ποτ' αὖ νῦν οὕτως εἰρήκαμεν τό τε ταῦτόν καί θάτερον; πότῃρα δύο γένη τινὲ ἀυτό, τῶν μὲν τριῶν ἄλλω, συμμειγνυμένω μὴν ἐκείνοις ἐξ ἀνάγκης αἰεὶ, καὶ περὶ πέντε ἄλλ' οὐ περὶ τριῶν ὡς ὄντων αὐτῶν σκεπτέον, ἢ τό τε ταῦτόν

De acordo com a referida citação o Estrangeiro percebe o problema linguístico em que ambos, encontra-se, pois, para que algo seja afirmado, como também demonstrado, é necessário o uso recorrente de termos, possuidores de significados. Por isso, à medida de exemplificam o que são os três gêneros, como também sua compreensão de existência, como também sua relação de diferenciação entre ambos, surge outro problema, que, tanto o Estrangeiro como Teeteto percebem como algo necessário a ser esclarecido. Por isso a pergunta sobre preocupação em esclarecer o que ambos afirmaram para si mesmos, o que queriam dizer com os termos mesmo e o outro?

Assim, analisando os referidos termos, necessariamente, surgirá consequências diante da compreensão dos termos, por isso a preocupação intelectual do Estrangeiro demonstrada no referido passo, pois afirmar a existência dos termos mesmo e outro, talvez seja necessário admitir, que existir mais de três gêneros, neste caso, o gêneros passariam a ser cinco. Contudo é precipitado tal afirmação, portanto é impreterível analisar os que são os termos mesmo e outro.

Assim, seguindo a reflexão exposta, o Estrangeiro expõe para Teeteto a seguinte premissa, “movimento e repouso não são algo outro o mesmo”, (255 a). A preocupação intelectual reside em que, por um análise lógica, conforme as palavras do Estrangeiro, na continuidade do passo, “o que quer que atribuamos em comum ao movimento e repouso, isso, nenhum dos dois é capaz de ser”.

A colocação do Estrangeiro diante do postulado é compreensível, pois ambos são possuidores de particularidades distintas, que não os permitem uma relação de unidade constitutiva. Sendo assim, tanto o movimento quanto repouso possuem constituições existenciais diferentes. Assim, o problema intelectual reside em compreender esta relação de individualidade, que, ambos possuem, como também compreender comunicação entre estes gêneros, que possuem em sua constituição existencial diferença, conforme citação:

O movimento ficará parado e o repouso mover-se-á; pois, em torno de um ou outro, qualquer um dos dois tornar-se-á outro, obrigando por sua vez o outro a mudar-se no contrário da sua própria natureza, visto que participa do contrário. **SOFISTA, 255 A- 255 B.**

κίνησις τε στήσεται καὶ στάσις αὖ κινηθήσεται: περὶ γὰρ ἀμφοτέρα θάτερον ὀποτερονοῦν γιγνόμενον αὐτοῖν ἀναγκάσει μεταβάλλειν αὖ θάτερον ἐπὶ τοῦναντίον τῆς αὐτοῦ

De acordo com a referida citação, parece que, o Estrangeiro buscar demonstrar, que existir diferenças estruturais nos referidos gêneros, que, deste modo a comunicação de ambos deve ser compreendida pela diferença, e não através da sobreposição de um diante do outro. Portanto, a individualidade de um gênero é assegurada, embora para ver a relação de comunicação entre os gêneros, isto só é possível por causa do princípio de diferença existente entre os gêneros. A comunicabilidade surge de um gênero em relação ao outro gênero, e não de um gênero particular em relação a si mesmo.

Sendo assim, o Estrangeiro expõe a seguinte premissa, como possível, solução diante do problema linguístico proposto com o surgimento da análise dos termos mesmo e outro, “Na verdade, ambos participam do outro e do mesmo”, passo, (255 b). Com esta afirmação o Estrangeiro conceitua, como também diferencia-os em seus aspectos lógicos, e linguísticos.

A compreensão dá-se do seguinte modo, o gênero é o mesmo em relação a sua estrutura existencial de princípio particular, ou seja, compreensão individual contida consigo, porém ele é outro por não possuir predicados particulares, que não o permitem ser outro, que não a si mesmo.

Assim, comenta o Estrangeiro no passo, (255 b), “não digamos que o movimento é o mesmo ou outro, nem também o repouso”. Com referida premissa o Estrangeiro demonstra, que os termos mesmo e outro são possuidores de identidades particulares, a existência, e compreensão de ambos, não pode ser associada a uma unidade conceitual, que permitir existir junto ao movimento e o repouso.

Por que tanto movimento e repouso são gêneros diferentes, a relação de ambos com os termos mesmo e outro são compreendido em uma relação participativa, e não de unidade conceitual, pois, conforme expos o Estrangeiro é impossível atribuir tanto ao movimento quanto ao repouso os mesmo predicados. Por isso mesmo e outro são gêneros diferentes do movimento e repouso.

Portanto, a relação é de relação comunicação e não de unidade conceitual. Sobre isto comenta Marques (2006) “movimento e repouso só são devido à comunicação com esta terceira coisa, que não é nem cada um deles, nem os dois juntos, mas alguma coisa outra com relação a eles”. (p. 195). De acordo, com o comentário de Marques existir algo exterior ao movimento e repouso, que os permitir comunica-se mesmo sendo diferentes em suas respectivas realidade particulares. Sobre esta relação de comunicação continua o comentário de Marques:

O ser não é nem um, nem outro, mas aquilo mesmo que faz com eles sejam; não o que são, mas simplesmente que são (que eles existem e que podem ter uma natureza determinada). O fato de que eles sejam não determina sua natureza enquanto tal, mas apenas o fato de que têm uma natureza. E isso precisamente porque o ser não se confunde com eles. É a diferença do ser com relação a eles que dá a cada um deles a possibilidade de ter uma natureza própria. MARQUES, Marcelo Pimenta, **Platão, pensador da diferença. Uma leitura do Sofista**-Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006, p. 195-196.

Deste modo, de acordo com a referida citação, a comunicação entre os gêneros é possibilidade de relação entre o diferente, portanto uma relação de comunhão, que não seja consigo mesmo. Por isso afirma Trindade (2012) sobre a participação, “Esse milagre, realizado por uma participação sem partes, é afinal legitimado pelos usos correntes da linguagem, com os quais são atribuídos às coisas os nomes que, na opinião do falante, lhe correspondem, sem que essa atribuição tenha de ser ontologicamente fundamentada”. (p.128). Sendo assim, a comunicação entre os gêneros é pertinente em relação ao significado, e não em relação a fundamentação teórica, o que venha a ser os gêneros.

Na continuidade da reflexão sobre a comunicação Souza (2009) comenta “Se a participar do ser significasse participar indistintamente em todas as formas, todas as coisas que participam do ser possuiriam todos os predicados e a predicação seria incapaz de informar sobre o ser de algo”. (p. 118). Sendo assim, a comunicação entre os gêneros é algo, necessariamente, de significado, e não de fundamentação daquilo, que determina os gêneros, enquanto tal.

Assim, no passo, (255c) o mesmo é compreendido, e sobretudo demonstrado como um quarto gênero. Sendo, portanto possuidor de existência efetiva. Segundo Marques (2006), sua existência não pode ser confundida, como algo igual ao SER, pois, de acordo com o referido comentador, caso, isto fosse possível, a possibilidade de diferenciação seria impossibilitada (p. 243). Por isso o mesmo ser legitimada sua existência como uma quarta forma. Deste modo segue o comentário de Marques (2006), “A expressão utilizada nessa demonstração relativamente simples é bastante reveladora do sentido da *dérmache* do Estrangeiro. A questão que atravessa o exame do dialético é a de saber se as formas significam ou não algo de diferente”. (p.243).

Na continuidade do passo, (255 c), o Estrangeiro sugere para Teeteto, que o outro, necessariamente, seria então um quinto gênero das formas, “O outro então deve por nós ser um quinto? Ou esse e o ser devem ser pensados como dois nomes de um gênero só?”. A resposta de ofertada de Teeteto é conduzida por uma incerteza diante do postulado. O quê, deste modo o Estrangeiro é conduzido a formular a seguinte indagação:

Mas, creio que tu admites que, dentre os que são, uns são, em si e por si, e outros sempre são ditos em relação aos outros? **SOFISTA, 255 C.**

ἀλλ' οἴμαι σε συγχωρεῖν τῶν ὄντων τὰ μὲν αὐτὰ καθ' αὐτά, τὰ δὲ πρὸς ἄλλα ἀεὶ λέγεσθαι.

De acordo com a referida existir gêneros, que possuem sua existência, independente. Isto é, sua efetiva existência não é associada a outro gênero, o quê, não ocorre com o quinto gênero, neste caso, o gênero do outro. Sendo, a existência do outro não é compreendida pela relação de comunicação entre os gêneros, deste modo o gênero do outro a forma, que possibilita a comunicação dos demais gêneros, sem que isto seja, necessariamente, uma associação mutua. Mas, uma relação de comunicação em que o diferente possui sua existência demonstrada.

Sobre isto comenta Marques (2006), “A questão é formulada em termos de nomes (onómata) e de diferentes modos de falar (légesthai), mas sabemos que o que está em jogo é mais do que o mero nome ou modo de falar e que se trata de estabelecer e distinguir formas, mesmo que só possamos fazê-lo através do exame do modo pelo qual falamos delas”. (p.246). Assim, de acordo com Marques (2006), a existência do quinto gênero do outro é legitimada, como também demonstrada a partir de uma relação de significado seja para o anunciador do enunciado, como também, o receptor.

Assim, diante desta relações de significados dos gêneros o Estrangeiro comenta:

Não seria, se o ser e outro, ambos, não diferissem totalmente; mas, se o outro participasse de ambas as formas, como o ser, talvez ele fosse também um outro, entre os outros, não em relação a outro; mas agora, para inexperientes como nós, segue-se que isso que acontece é necessariamente por causa do outro. **SOFISTA, 255 D.**

οὐκ ἄν, εἴ γε τὸ ὄν καὶ τὸ θάτερον μὴ πάμπαν διαφερέτην: ἀλλ' εἴπερ θάτερον ἀμφοῖν μετεῖχε τοῖν εἰδοῖν ὡσπερ τὸ ὄν, ἦν ἄν ποτέ τι καὶ τῶν ἐτέρων ἕτερον οὐ πρὸς ἕτερον: νῦν δὲ ἀτεχνῶς ἡμῖν ὅτιπερ ἄν ἕτερον ἦ, συμβέβηκεν ἐξ ἀνάγκης ἐτέρου τοῦτο ὅπερ ἐστὶν εἶναι.

A forma do outro é revelada como um gênero, que permite a diferenciação de significados entre as formas. Por isso comenta o Estrangeiro, no passo, (255 e), “pois cada um é outro em relação aos outros, não por causa da sua natureza, mas por participar da forma do outro”. Portanto, de acordo com o passo, 255 e, a forma do outro surge como um quinto gênero. No entanto, é necessário expor como existir a relação de comunicação entre os gêneros.

E devemos concordar que, na verdade, o movimento é o mesmo e o não mesmo e não nos amofinarmos. Pois, quando dizemos ele ser o mesmo e o não mesmo, dizemos que é de todo modo semelhante, mas, quando dizemos que é o mesmo por causa da participação do mesmo, dizemos assim em relação a ele mesmo, e, quando dizemos que não é o mesmo, é por causa da comunhão com o outro, por causa do qual se forma separado do mesmo, vindo a ser não aquele, mas outro, de modo a ser de novo dito corretamente não mesmo. **SOFISTA, 256 B.**

τὴν κίνησιν δὴ ταῦτόν τ' εἶναι καὶ μὴ ταῦτόν ὁμολογητέον καὶ οὐ δυσχεραντέον. οὐ γὰρ ὅταν εἴπωμεν αὐτὴν ταῦτόν καὶ μὴ ταῦτόν, ὁμοίως εἰρήκαμεν, ἀλλ' ὅποταν μὲν] ταῦτόν, διὰ τὴν μέθεξιν ταύτου πρὸς ἑαυτὴν οὕτω λέγομεν, ὅταν δὲ μὴ ταῦτόν, διὰ τὴν κοινωνίαν αὐθαιτέρου, δι' ἣν ἀποχωριζομένη ταύτου γέγονεν οὐκ ἐκεῖνο ἀλλ' ἕτερον, ὥστε ὀρθῶς αὐτὸ λέγεται πάλιν οὐ ταῦτόν.

De acordo com a referida citação a relação de comunicabilidade entre os gêneros ocorre devido à capacidade de mistura, neste caso, mistura-se é a relação de comunhão existente entre os gêneros. No entanto, esta relação de comunhão não ocorre de modo universal, ou seja, existir gêneros que não se misturam, conforme o passo, (256 b). A capacidade de não se misturar de alguns gêneros é justificada, porque havendo mistura de modo universal, a capacidade discursiva dos gêneros poderia ser impossibilitada.

Por isso comenta Marques (2006) sobre esta relação de mistura entre os gêneros “A mistura (dos gêneros) implica sempre o ser e certa diferença para fundar a possibilidade do discurso. A recusa da mistura impede que as coisas sejam que elas se articulem e, conseqüentemente, que possamos falar delas”. (p. 205). Por isso é por meio da capacidade de misturar contida entre os gêneros, que o discurso contido no enunciado é possível se articular.

Destarte, é necessário, responder uma premissa, por que a mistura não ocorre de modo universal? A resposta, plausível, para esta indagação é subsidiada pelo gênero do movimento, conforme o passo, (256 d), “pois então, claramente o movimento realmente não é ser e também é ser, uma vez que participa do ser”. De acordo com a referida afirmação o gênero do movimento é ser, contudo também não é ser.

Com esta declaração parece-nos, que a afirmação é contraditória, porém, não é o caso, de tal afirmação. Porque o movimento é ser na medida em que é o mesmo, ou seja, que ele é o próprio gênero em sua realidade individual, ou seja, particular, diante da multiplicidade. No entanto, quando se direciona do seu particular em direção ao universal, ele não é mais ser.

Esta relação é compreendida pelo aspecto lógico e linguístico. O primeiro quando realizo análise lógica dos termos, que estão inseridos no enunciado, que estou a investigar, e o posterior quando declaro sobre estes termos, permitindo-me deste modo diferenciar os termos do enunciado. Destarte, é o movimento que permitir a possibilidade de diferenciação entre as premissas contidas no enunciado.

Logo, necessariamente o não ser é sobre o movimento e por todos os gêneros. Pois, em todos os a natureza do outro opera, fazendo cada um não ser e, de acordo com isto, diremos com correção que todas as coisas não são, e, de novo, por participarem do ser, que são e também que existem. **SOFISTA, 256 E.**

ἔστιν ἄρα ἐξ ἀνάγκης τὸ μὴ ὄν ἐπὶ τε κινήσεως εἶναι καὶ κατὰ πάντα τὰ γένη: κατὰ πάντα γὰρ ἢ θατέρου φύσις ἕτερον ἀπεργαζομένη τοῦ ὄντος ἕκαστον οὐκ ὄν ποιεῖ, καὶ σύμπαντα δὴ κατὰ ταῦτα οὕτως οὐκ ὄντα ὀρθῶς ἐροῦμεν, καὶ πάλιν, ὅτι μετέχει τοῦ ὄντος, εἶναι τε καὶ ὄντα.

Deste modo, a diferenciação nos termos contidos no enunciado, torna-se possível da formulação do discurso promovido pelo enunciado. Sobre esta relação de mistura cabe-nos destacar o exemplo do Estrangeiro, no passo, (253 a) “As vogais, diferentemente das outras, ocupam um espaço tal qual um liame através de todas, de forma que sem alguma delas é impossível ajustar até uma com outras formas”.

Com este exemplo, ofertado pelo Estrangeiro, a compreensão sobre esta relação de não universalização da mistura entre os gêneros, torna-se mais clara. Segundo o exemplo citado pelo Estrangeiro, neste sentido, as vogais, apenas estas letras são capazes de associar-se com outras letras para formação das palavras. Sem a presença das vogais a formulações significativas das palavras estariam comprometidas, na formulação do enunciado. Sendo assim, a possibilidade de formular alguma mensagem diante do enunciado, estaria de todo modo inviabilizado.

Sobre este exemplo ofertado pelo Estrangeiro, Marques (2006) comenta “A utilização do vocabulário da ação humana, para falar das formas, sugere que o vocabulário ontológico do Estrangeiro encontra uma referência significativa nas relações que os indivíduos estabelecem entre si”. (p. 209). Logo, de acordo com o exemplo das vogais, o que busca demonstrar é a relação de significado contido na relação de mistura entre os gêneros.

Sendo que, esta relação de mistura não é possível, sê-lo universal, devido à necessidade criteriosa e fundamental de diferenciação dos termos significantes contidos no enunciado. Por isso comenta Marques (2006) “É preciso pressupor as diferenças entre os elementos combinados; é preciso pensar nas diferenças das relações que constituem as próprias combinações”. (p. 210). Destarte, esta relação de mistura não pode ser arbitrária para formulação significativa do enunciado. Na continuidade do presente capítulo, iremos discutir a recepção do NÃO-SER. Conforme, o passo, (257 b), “Sempre que dizemos não ser, não dizemos algo contrário ao ser, mas apenas outro”.

De acordo com a fala do Estrangeiro o problema do outro surge como possibilidade de existência. Declarar sua existência é seguir um caminho contrário do estabelecido anteriormente por Parmênides de Eleia, em seu poema, Da Natureza. Sobre isto o próprio

Estrangeiro lembra para Teeteto sobre esta delimitação, no passo, (258 d), referindo-se a delimitação proposta pelo pensamento parmenidico.

No entanto, ambos, tanto o Estrangeiro, quanto Teeteto estão cientes do enfretamento, que está por vir. Porém, o caminho percorrido por ambos, não os permitem mais retroagir, por isso só duas possibilidades: Ou deixam as coisas como estão, ou continuam o seu enfretamento. Assim, a escolha realizada por ambas, é do enfretamento diante do problema proposto. Conforme o pronunciamento do Estrangeiro, passo, (257 b), “por exemplo, quando dizemos algo não grande, parece-te que, com a expressão, algo aponta mais para o pequeno do que para o regular?”

De acordo com anunciado pelo Estrangeiro, a discussão sobre o problema do NÃO-SER, surge sob dois tópicos: O primeiro o da existência efetiva do NÃO-SER, e o segundo que este existindo, deve ser compreendido pelo aspecto da diferenciação significativa do presente termo. Assim, a existência efetiva, é necessária sua demonstração, como também seu significado.

Sobre isto comenta Marques (2006) “Ele quer mostrar que uma coisa pode ter muitos aspectos sem perder sua unidade, que uma coisa pode ser diferente sem perder sua identidade, que o fato de utilizarmos diversos nomes diferentes para enunciar uma coisa ou para falar de uma coisa não implica que ela não seja uma e mesma, mesmo sendo muitas e diferentes sob aspectos diferentes”. (p.201). Portanto, a existência do NÃO-SER será necessário demonstrar, como também declarar sobre seu significado.

Então, admitiremos que, quando se diz uma negação, esta simplifique o contrário, mas tão somente que, colocada antes dos nomes que se seguem, indica algo diferente das outras coisas, ou melhor, das coisas acerca das quais tratam os nomes pronunciados depois da negação. **SOFISTA, 257 C.**

οὐκ ἄρ', ἐναντίον ὅταν ἀπόφασις λέγεται σημαίνειν, συγχωρησόμεθα, τοσοῦτον δὲ μόνον, ὅτι τῶν ἄλλων τί μὴνύει τὸ μὴ καὶ τὸ οὐ προτιθέμενα τῶν ἐπιόντων ὀνομάτων, μᾶλλον δὲ τῶν πραγμάτων περὶ ἅττ' ἂν κέηται τὰ ἐπιφθεγγόμενα ὕστερον τῆς ἀποφάσεως ὀνόματα.

Conforme, a citação referida o problema deve ser compreendido, não pela perspectiva do contrário. Parece que, seria simplista demais, compreender a discussão por este âmbito. A questão reside em que, sua realidade é possuidora de existência efetiva, como também, de significado.

Portanto, sua existência deve ser compreendida como algo diferente, por isso comenta Trindade (2012) “a atribuição negativa do sentido de alteridade, ou diferença, particularmente no caso dos nomes negados, qualifica a diferença como um novo matiz não

tanto pelo fato de relacionar dois “seres”, mas “aqueles” dois seres que se acha em relação através do nome que partilham”. (p. 139). Portanto, segundo Trindade a relação participativa não ocorre por causa da identidade, mas, sim, conforme seu comentário de uma relação de não-identidade na multiplicidade, que, por isso permite a realização de comunhão dos gêneros, a participação, e em seguida, a predicação. (p.138).

Por isso no seu comentário no passo, (257 c), o Estrangeiro descreve que, colocando o adverbio de negação, como termo antecedente, a compreensão significativa surge diferente, do modo como antes fora pronunciada pelo formulador do enunciado. No entanto, ser diferente não implica em uma constituição menor, ou contrária, ao postulado antes da negação. Mas, implica que, existir outro ente, diferente, em seu predicado, e significado postulado através do enunciado.

Portanto, sobre isto conclui Trindade (2012) “o Não-Ser é a contraposição – a diferença em si- que confere ao ser a capacidade de diferenciar nas múltiplas entidades que são (porque participam do Ser) e não são (porque não são o mesmo que ele)”. (p.142). Portanto, é na relação do diferente, que surge as implicações significativas do NÃO-SER.

Destarte, a discussão sobre os Sumos Gêneros, este capítulo, também, irá introduzir a discussão sobre o método, que é utilizado no presente diálogo. Diferentemente, de Parmênides, que utilizar-se da lógica, o método proposto, aqui, no diálogo é o dialético. É evidente, que para Platão o discurso deve ser lógico, até porque o objeto de um enunciado, que é a verdade, consequentemente, é uma tautologia. A questão de ambos é de método, ou seja, o meio que foi utilizado por ambos, para que o alcance intelectual compreendido. De acordo com o passo, (253 c); com efeito, como não há precisão de ciência e talvez quase da maior ciência?!”.

De acordo com a referida citação, Teeteto realiza a pergunta para o Estrangeiro sobre o meio, que pode ser utilizado para compreender, e, sobretudo demonstrar aquilo, que está se afirmando compreender. Teeteto utiliza em sua colocação sobre este meio de conhecimento, como algo que possui precisão em sua tomada de conhecimento.

Esta precisão, evidentemente, que Teeteto está descrevendo, é que esta ciência deve possuir clareza diante do objeto pesquisado. Assim, este meio intelectual, ou seja, esta ciência tem por necessidade de critério promover ao formulador das premissas investigados, bases que o permitam ter solides diante do que está investigando. Portanto, pode se compreender esta ciência como uma tomada de compreensão intelectual diante do postulado investigado.

Conforme, as palavras de Teeteto, esta ciência é a maior de todos, por isso o Estrangeiro corroborar sobre esta ciência, quando colocar este meio de compreensão como a ciência dos homens livres, passo, (253 c), na continuidade do passo descrever este meio de conhecimento como aquele, que é utilizado pelo filósofo. A presente ciência que ambos estão a declarar sua utilidade, que permitir os homens se a semelhaem aos deuses, passo, (254 b), é a ciência dialética.

O acto de fazer divisões segundo os gêneros e de não considerar a mesma forma diferente, ou contra a mesma, acaso diremos que não é da ciência dialética.
SOFISTA, 253 D.

τὸ κατὰ γένη διαιρεῖσθαι καὶ μήτε ταῦτὸν εἶδος ἕτερον ἠγήσασθαι μήτε ἕτερον ὄν ταῦτὸν μὴ οὐ τῆς διαλεκτικῆς φήσομεν ἐπιστήμης εἶναι;

A forma de compreender os objetos pesquisados, realizando divisões, permite ao ser cognocente uma cientificidade diante do postulado, isto se justifica, porque só é possível compreender a diferenciação dentro da multiplicidade, sendo assim, é necessário compreender um objeto em sua particularidade, para que, deste modo às relações de diferenciação entre os objetos cognoscíveis, sejam possíveis as relações de comunicação. Ora, o conhecimento não é universal, no sentido de conteúdo. Por isso a dialética se realiza a partir da compressão divisionária dos objetos em sua particularidade, portanto dialético é quem permitir compreender as relações do particular ao universal.

Sobre estas divisões comenta Marques (2002), “Dividir é uma das tarefas que dependem de diferenciação, mas misturar ou combinar formas também; a tarefa de misturar não depende menos do fato de os elementos serem diferenciados do que a tarefa de dividir.” (p.215). As divisões realizadas pela dialética possui um aspecto singular para o desenvolvimento cognitivo, por isso na continuidade do seu comentário sobre as divisões da dialética, Marques conclui que, “Divisão e dividir têm, para Platão, um sentido exploratório, sempre relativo a um contexto determinado; ele não usa a divisão para classificar realidade numa suposta ordem hierárquica, na qual os gêneros e espécies teriam posições fixas e significariam sempre o mesmo, independente dos problemas postos pela pesquisa.” (p.216). Portanto, a divisão tem por singularidade a capacidade de explicação, e, sobretudo demonstrabilidade do conteúdo exposto.

Pois bem, o que é capaz de fazer isso percebe suficientemente uma forma através de muitas, estando uma disposta, separada de cada uma, estendida por tudo, e muitas formas diferentes, contidas entre si por uma só de fora, e uma estendendo-se através de muitos todos, ajustados em conjunto numa forma só; e muitas formas separadas

em tudo. Isso é saber e ser capaz de discernir cada coisa que comunga e cada coisa que não comunga, segundo o gênero. **SOFISTA, 253E.**

οὐκοῦν ὅ γε τοῦτο δυνατός δρᾶν μίαν ιδέαν διὰ πολλῶν, ἐνὸς ἐκάστου κειμένου χωρίς, πάντη διατεταμένην ἰκανῶς διαισθάνεται, καὶ πολλὰς ἐτέρας ἀλλήλων ὑπὸ μιᾶς ἐξωθεν περιεχομένης, καὶ μίαν αὖ δι' ὅλων πολλῶν ἐν ἐνὶ συνημμένην, καὶ πολλὰς χωρίς πάντη διωρισμένης: τοῦτο δ' ἔστιν, ἢ τε κοινωεῖν ἕκαστα δύναται καὶ ὅπη μὴ, διακρίνειν κατὰ γένος ἐπίστασθαι.

Destarte, de acordo com a referida citação à conclusão sobre a dialética, e conseqüentemente, o dialético. É que compreender algo, e, sobretudo, demonstrar esta compreensão é possui capacidade intelectual de discernir sobre as relações de comunicabilidade entre os objetos cognocentes, que, segundo o diálogo, entendamos os objetos cognoscentes, pelas formas, que permitem a formulação da mensagem, e conteúdo do enunciado.

5. ENUNCIADO

O NÃO-SER surgiu como possuidor de existência, portanto é tão ente, quanto o SER, embora seja outro, que não o SER é. Sendo assim, conforme o passo, 257 b, o NÃO-SER não pode ser compreendido apenas como algo contrário do SER, mas que é um outro.

Sendo assim, o NÃO-SER além de compreendermos, o que venha a sê-lo, é necessário esclarecer de que modo, este ente poderá influir na composição da falsidade, e por conseguinte formulação de entendimentos, através dos enunciado, falsos.

Assim, é necessário uma reflexão sobre de que modo o NÃO-SER é tão ente, quanto o próprio SER é, e de que modo há comunhão daquele com o erro, por isso, em seguida, a estas indagações refletir sobre o enunciado, para que possamos discutir se há a possibilidade do entendimento incorrer no erro, ou apenas alçar a verdade.

Então, admitiremos que, quando se diz uma negação, esta signifique o contrário, mas tão somente que, colocado antes dos nomes que se seguem, indica algo diferente das outras coisas, ou melhor, das coisas acerca das quais tratam os nomes pronunciados depois da negação. (Sofista, 257B-257C).

οὐκ ἄρ', ἐναντίον ὅταν ἀπόφασις λέγῃται σημαίνειν, συγχωρησόμεθα, τοσοῦτον δὲ μόνον, ὅτι τῶν ἄλλων τί μὴνύει τὸ μὴ καὶ τὸ οὐ προτιθέμενα τῶν ἐπιόντων ὀνομάτων, μᾶλλον δὲ τῶν πραγμάτων περὶ ἅττ' ἂν κέηται τὰ ἐπιφθεγγόμενα ὕστερον τῆς ἀποφάσεως ὀνόματα.

De acordo com a citação seguinte a colocação do adverbio de negação, antes do termo proposto, neste caso, o verbo SER. Tem por compreensão não, apenas, o aspecto de contrariedade, assim na forma existente na qual os termos se referem, mas em aspectos de significado dos referidos termos postulados. Assim, a negação denominará algo conceitualmente diferente do antes do adverbio, que, sendo assim, também possui existência e significado seja pelo interlocutor, como também para o receptor. Por isso o Estrangeiro junto a Teeteto empreendem à reflexão acerca da natureza do NÃO-SER, pois é preciso compreender de que modo é a estrutura existente deste.

O Estrangeiro inicia a presente reflexão sobre natureza do NÃO-SER, como algo que aparece como possuidor de uma natureza recortada, conforme o passo, (257 c), o que deste modo para Teeteto, em princípio, não ficou claro, diante da pergunta de como seria possível, a presente afirmação, pois como deste no início desta obra, o que ficou claro, é que declarar algo, não é suficiente, é preciso demonstrar a plausibilidade daquilo, que está sendo afirmado.

Sendo assim, o Estrangeiro segue a reflexão sobre, o que declarado anteriormente, de acordo com o combinado, no início do diálogo, seguindo a necessidade de comprovar, ou pelo

menos, refletir sobre o declarado, já que é de comum, entre ambos, a necessidade impreterível de demonstrabilidade do declarado.

Por isso o Estrangeiro no passo, 257d, inicia-se a reflexão da natureza do NÃO-SER: “esse é um, cada parte dele, que vem a ser sobre qualquer coisa, tem em separado um denominação própria dela mesma; é por isso que existem muitas chamadas artes e saberes”. Esta capacidade de diferenciação é aceita por Teeteto, assim sendo, como há várias formas de arte e saberes, de acordo com o proferido anteriormente pelo Estrangeiro. Ambos são levados a concluir, em princípio, o mesmo ocorre com a natureza do outro (NÃO-SER). De acordo com as palavras do Estrangeiro, no passo, 257d, “Também com as partes do outro acontece isto”. Portanto, ambos compreendem o outro como possuidor de partes.

Entretanto, Teeteto promove uma pergunta, na continuidade do passo, diante do declarado anteriormente, ou seja, sobre as partes do outro: “Talvez seja, mas, de que modo vamos dizer?”. De acordo com as referidas palavras, o raciocínio sobre a natureza do outro, não parece muito convincente. Existir algo que precisa ser esclarecido diante do exposto, por isso o Estrangeiro expõe a reflexão sobre isto a partir da reflexão sobre o Belo. Conforme, o passo, (257 d), “Há alguma parte do outro que seja contraposta ao belo?”.

Diante da pergunta proferida pelo Estrangeiro, a resposta ofertado por Teeteto é de confirmação, que existe, de fato, algo que se contrapõe ao Belo. Assim, o Estrangeiro indaga a Teeteto, se esta contraposição ao belo é possuidora de significado ou não, sendo assim, se possui significado, conseqüentemente, possui existência, caso, não possua significação, aparentemente, não possuirá existência. Por isso a pergunta no final do passo, (257 d), promovida por Teeteto “Que tem; pois, cada vez que pronunciamos não belo, isso é outro da natureza do belo e não de algum outro”. De acordo com esta exposição realizada por Teeteto, o Estrangeiro lança a seguinte indagação:

Então, não acontece com isto que o não belo é algo outro, dentre as coisas que são, que foi separado de um certo gênero, e de novo, por sua vez, contraposto a alguma das coisas que são? (Sofista, 257E).

ἄλλο τι τῶν ὄντων τινὸς ἐνὸς γένους ἀφορισθὲν καὶ πρὸς τι τῶν ὄντων αὐτὸ πάλιν ἀντιτεθὲν οὕτω συμβέβηκεν εἶναι τὸ μὴ καλόν;

Assim, o não belo é apresentado como algo, que é contraposto ao belo. A questão não reside em ser algo contrário, ou seja, algo que seria compreendido pelo termo feio, o problema não é discutível por este âmbito, mas em compreender se este não belo é possuidor de existência, de igual modo ao belo. Por isso a colocação, na continuidade da reflexão, posta

pelo Estrangeiro que o “não belo é uma contraposição do ser em relação ao ser”. Portanto, de acordo com as palavras do Estrangeiro, o problema reside nesta premissa, compreender de modo não belo, na sua constituição de ser de igual modo o belo é possuidor de ser.

Deste modo o Estrangeiro indaga a Teeteto:

Pois então?! Segundo esse discurso, portanto, estará o belo mais dentre as coisas que são e o não belo menos? (Sofista, 257E).

τί οὖν; κατὰ τοῦτον τὸν λόγον ἄρα μᾶλλον μὲν τὸ καλὸν ἡμῖν ἐστι τῶν ὄντων, ἦττον δὲ τὸ μὴ καλόν

Em resposta ao exposto na citação anterior, Teeteto responde que não existir evidência para esta colocação, pois tanto o não belo, como o belo possuem existência, neste sentido, não existe superioridade de um em relação ao outro. Assim, ambos possuem existencialidade, embora sejam diferentes. Por isso no passo, (258 a), o Estrangeiro declara de igual modo deve ser declarado sobre o não grande e o grande.

A reflexão está sob alicerce para destacar apenas, as diferenças, que por obviedade são existe, mas declarar, e sobretudo demonstrar a existência do diferente, conforme interpreta-se Marques (2006), que a obra o Sofista, de Platão, é uma obra para se refletir sobre as diferenças. De acordo com a interpretação da obra sugerida de Marques, na continuidade do passo, declara o Estrangeiro: “também o não justo, segundo as mesmas razões, deve colocar-se em relação ao outro, nada mais sendo que outro?”. Portanto, o que está sendo demonstrado, é que o não-ser possui existência, e suas partes não menores que o SER.

Assim, conclui sua exposição o Estrangeiro:

Também diremos o mesmo das outras coisas, uma vez que a natureza do outro apareceu existindo dentre as coisas que são, e existindo, é de necessidade também postular que as partes dela nada menos existem. (Sofista, 258 A).

καὶ τᾶλλα δὴ ταύτη λέξομεν, ἐπεὶπερ ἡ θατέρου φύσις ἐφάνη τῶν ὄντων οὐσα, ἐκείνης δὲ οὔσης ἀνάγκη δὴ καὶ τὰ μόρια αὐτῆς μηδενὸς ἦττον ὄντα τιθέναι.

A conclusão de que o outro é possuidor de existência, com suas respectivas partes, é evidenciada de acordo com o passo citado, anteriormente, por isso sua afirmação que o não ser é um contraposição ao ser, sendo assim, não possui menos entidade que o ser, portanto a igualdade de existência é algo demonstrável, por meio das inferências da diferenciação. Deste modo com a demonstrabilidade da existência do não-ser, possuidor da forma do outro, o problema já está solucionado?

De acordo com o Estrangeiro, a aporia está em seu início, porque a natureza do não-ser ficou demonstrada, agora é preciso descrever, e sobretudo o modo em que isto poderá influenciar na produção do erro. Há de se destacar um outro problema, talvez, de razão de tradição, declarar a existência do NÃO-SER, o Estrangeiro junto com Teeteto ultrapassaram o limite intelectual exposto por Parmênides. Conforme, a declaração do Estrangeiro no passo, 258 c, “Em termos mostrado que avançamos na investigação mais do ele nos proibiu investigar”. O Estrangeiro tem clareza do caminho intelectual, que estão caminhando, declarar a existência do NÃO-SER, sobretudo buscar sua demonstrabilidade é ir de contra a reflexão de parmenidico, que pôs limite a este tipo de investigação;

Tanto o Estrangeiro, como, Teeteto possuem consciência do desafio intelectual, em que se encontram. Diante da declaração, e sobretudo demonstração sobre a natureza do outro, declarando que a existência do não-ser, como sendo ser, e deste modo é um contraposição ao ser. Conforme, citação seguinte:

Pois bem, que alguém não nos diga que o não ser é o contrário do ser e qu ousamos dizer que o não ser é” pois, já há tempo dissemos “passe bem” ao contrário de algo assim, quer ele seja, quer não tenha definição, ou sendo de todo o modo inexplicável! Quanto ao que dissemos agora, que o não ser é, que alguém nos refute e convença que estamos a dizer bem, depois de nos ter refutado; e, se não for capaz, também ele deve dizer, como também nós dizemos, que os gêneros se misturam entre si, e o ser e o outro atravessam entre si todos os gêneros, incluindo-se um ao outro: de um lado, o outro existe, depois de ter participado do ser, e, por causa dessa participação, não é exatamente aquilo em que teve participação, mas outro, e, uma vez que é outro em relação ao ser, com toda clareza possível é necessariamente não ser! E o ser, por sua vez, tendo tomado participação do outro, seria outro em relação aos outros gêneros, e, uma vez que é outro, não é cada um deles, nem todos os outros, a não ser ele próprio; de modo que, sem tergiversação, há dez mil sobre dez mil coisas que o não ser é; e, tal como os outros, em relação a cada uma totalidade das coisas, é de muitas maneiras e de muitas maneiras não é. (Sofista, 258E-259B).

μη τοίνυν ἡμᾶς εἶπη τις ὅτι τοῦναντίον τοῦ ὄντος τὸ μὴ ὄν ἀποφαινόμενοι τολμῶμεν λέγειν ὡς ἔστιν. ἡμεῖς γὰρ περὶ μὲν ἐναντίου τινὸς αὐτῷ χαίρειν πάλαι λέγομεν, εἴτ' ἔστιν εἴτε μή, λόγον ἔχον ἢ καὶ παντάπασιν ἄλογον: ὁ δὲ νῦν εἰρήκαμεν εἶναι τὸ μὴ ὄν, ἢ πεισάτω τις ὡς οὐ καλῶς λέγομεν ἐλέγξας, ἢ μέχρτερ ἂν ἀδυνατῆ, λεκτέον καὶ ἐκεῖνον καθάπερ ἡμεῖς λέγομεν, ὅτι συμμείγνυται τε ἀλλήλοις τὰ γένη καὶ τὸ τε ὄν καὶ θάτερον διὰ πάντων καὶ δι' ἀλλήλων διεληλυθότε τὸ μὲν ἕτερον μετασχὼν τοῦ ὄντος ἔστι μὲν διὰ ταύτην τὴν μέθεξιν, οὐ μὴν ἐκεῖνό γε οὐ μετέσχεν ἀλλ' ἕτερον, ἕτερον δὲ τοῦ ὄντος ὄν ἔστι σαφέστατα

Como o NÃO-SER surgiu como um gênero, que possui existência, resta, agora, demonstrar se, de fato, há comunhão deste com enunciado. Caso, ocorra a comunhão poderá existir falsidade, e deste modo o pensamento poderá incorrer no erro, se não ao entendimento só a verdade existirá.

É que desligar cada coisa de todas é a mais perfeita obliteração de todo discurso; pois é através do entrelaçamento das formas entre si que o enunciado se gera em nós. (Sofista, 259 E).

τελεωτάτη πάντων λόγων ἐστὶν ἀφάνισις τὸ διαλύειν ἕκαστον ἀπὸ πάντων: διὰ γὰρ τὴν ἀλλήλων τῶν εἰδῶν συμπλοκὴν ὁ λόγος γέγονεν ἡμῖν.

O enunciado, de acordo, com a citação anterior surge por meio da comunicação entre as formas, deste modo é partir desta comunicabilidade das formas, que será possível enunciar algo por meio do enunciador em direção ao receptor da mensagem. Por isso o Estrangeiro no passo, (260 a), estabelece o enunciado como um gênero, sem o qual, não poderá ocorrer a filosofia.

A partir desta afirmação exposta pelo Estrangeiro, Teeteto indaga-o sobre o porquê da presente afirmação, demonstrando deste modo a necessidade de expor, com clareza, a relação da formação do enunciado com o que estão buscando compreender, neste sentido, a verdade e falsidade.

Assim, segue, a exposições do Estrangeiro no passo, (260 b), que o não-ser se manifestou como um gênero, e sendo assim, é necessário, demonstrar sua mistura com a opinião e ao discurso, sem que isto não ocorra, de fato, toda a possibilidade de que seria possível, ao entendimento incorrer no erro, como algo impossível, por conseguinte por onde se verificar, só haverá verdade, e assim, confirmando a delimitação intelectual ofertada por Parmênides.

Se não se mistura com elas, é necessário todas as coisas serem verdadeiras; pelo contrário, estando misturado, nasce a opinião e também o enunciado falsos; pois, isso de opinar e dizer as coisas que não são é de algum modo a falsidade, gerando-se no pensamento e nos enunciados. (Sofista, 260 C).

μὴ μειγνυμένου μὲν αὐτοῦ τούτοις ἀναγκαῖον ἀληθῆ πάντ' εἶναι, μειγνυμένου δὲ δόξα τε ψευδῆς γίγνεται καὶ λόγος: τὸ γὰρ τὰ μὴ ὄντα δοξάζειν ἢ λέγειν, τοῦτ' ἐστὶ που τὸ ψεῦδος ἐν διανοίᾳ τε καὶ λόγοις γιγνόμενον

O enunciado será o gênero a ser refletido como possibilidade de incorrer o erro ao entendimento, por conseguinte existindo erro, haverá falsidade, portanto conforme o passo, 260 c, termos como simulacros, imagens, e aparências são possuidores de realidade, sendo assim, possíveis de serem declarados. A tarefa intelectual a que, ambos, estão incorrendo não é de todo fácil, conforme o passo, 260 d, em que o Estrangeiro expõe:

E, quando ao sofista, dissemos que de algum modo tinha se refugiado nesse local e negava de todo que o falso viesse a ser; pois, o não ser não podia ser concebido por

alguém, nem dito, uma vez que me nada e de nenhum modo participa da entidade. (Sofista, 260D).

τὸν δὲ γε σοφιστὴν ἔφαμεν ἐν τούτῳ πῶς τὸ πῶς καταπεφευγένοι μὲν, ἔξαρνον δὲ γεγονέναι τὸ παράπαν μὴδ' εἶναι ψεῦδος: τὸ γὰρ μὴ ὄν οὔτε διανοεῖσθαι τινα οὔτε λέγειν: οὐσίας γὰρ οὐδὲν οὐδαμῆ τὸ μὴ ὄν μετέχειν.

A empreitada não é simples, porém, ambos chegaram a um percurso, não há como deixar de continuar de percorrê-lo, pois a compreensão de que o não-ser é um outro ser, sendo assim, que possui existência, exige-se a complementação de que há alguma forma uma relação de comunicação com o enunciado, conforme Teeteto, expõe no passo, (261 b), “sendo preciso demonstrar que o falso existe tanto no enunciado, quanto na opinião”. Assim, após estas exposições, passemos a análise do enunciado.

Vamos lá, conforme dizíamos a respeito das formas e das letras, vamos de novo e da mesma maneira examinar os nomes; pois é por aí que de algum modo há de parecer o que procuramos. (SOFISTA, 261 D).

φέρει δὴ, καθάπερ περὶ τῶν εἰδῶν καὶ τῶν γραμμῶν ἐλέγομεν, περὶ τῶν ὀνομάτων πάλιν ὡσαύτως ἐπισκεψώμεθα. φαίνεται γὰρ πῆ ταύτη τὸ νῦν ζητούμενον.

Logo, a partir desta colocação exposta pelo Estrangeiro, Teeteto pergunta-o por que refletir acerca dos nomes, a justificativa ofertada pelo Estrangeiro dá-se que, alguns nomes aceitam mistura e outros não. A presente justificativa, é clara, sobretudo pelo já discutido por ambos, mas não é suficiente clara, para responder o porquê começar a reflexão sobre o enunciado a partir dos nomes, por isso o Estrangeiro afirma:

Estás a fazer esse tipo de observação porque, quando as coisas ditas numa sequência mostram algo, se ajustam; enquanto aquelas que pela continuidade nada significam não se ajustam. (SOFISTA, 261 E).

τὸ τοιόνδε λέγεις ἴσως, ὅτι τὰ μὲν ἐφεξῆς λεγόμενα καὶ δηλοῦντά τι συναρμόττει, τὰ δὲ τῇ συνεχείᾳ μὴδὲν σημαίνοντα ἀναρμωστεῖ.

De acordo com a citação referida, parece que, em princípio, há um esclarecimento do porquê começar a reflexão sobre o enunciado a partir dos nomes, a questão resolutiva encontra-se porque o nome é umas das unidades linguísticas, que constituem o enunciado na formação da mensagem direcionada para o receptor. O nome possui uma relação constitutiva com os outros termos da língua, que permitem ao enunciatador a capacidade de formular mensagem, e deste modo aquele, que recebe a mensagem, poderá incorrer na capacidade interpretativa do enunciado.

Exatamente o que eu conjecturava ao supor que estavas de acordo; com efeito, para nós são dois os gêneros de coisas ditas pela voz acerca da entidade. (SOFISTA, 261 E).

ὅπερ ᾠήθην ὑπολαβόντα σε προσομολογεῖν. ἔστι γὰρ ἡμῖν που τῶν τῆ φωνῆ περὶ τὴν οὐσίαν δηλωμάτων διττὸν γένος.

Assim, para formulação do enunciado, apenas, os nomes não serão suficientes, pois existe um outro gênero, que junto com o nome promove a formulação do enunciado, com efeito, o verbo. A relação de comunicação de ambos, permitir uma formulação de mensagem capaz de promover uma comunicação sobre algo.

Portanto, por nome é conceituado por “signo da voz por naqueles mesmos que praticam as ações”, passo, (262 a), logo, o nome é a nomeação daquele, que realiza algo, com efeito, aquele, que formula o enunciado. Consequentemente, verbo é compreendido como ação realizada pelo enunciador da mensagem. Embora, o receptor também pratique uma ação, neste sentido, de receber a mensagem exposta.

Assim, nomes e verbos formam os elementos que constituem a formulação dos enunciados. A pronuncia de um ou de outro, de modo separado, segundo o Estrangeiro, não são capazes de promover um enunciado. Conforme, exemplos citados no passo, 262 b, “caminhar, “corre” ... embora, descrevam uma ação, seus significado encontram-se incompletos, pois necessitam de um complemento linguístico capaz de clarificar o enunciado.

O entendimento é simples, analisando o exemplo do próprio Estrangeiro o verbo caminhar: O presente verbo não produz um enunciado por faltar de outras informações, que permitam ao receptor realizar formulações, que permitam compreender a mensagem. Falta ao presente verbo a informação de quem está caminhando. De igual modo segue-se os nomes a enunciação dos nomes, faltam-lhe complemento informativo.

Pois, proferir o nome “cavalo”, conforme exemplo do Estrangeiro, também, a este nome falta-lhe informações, para que deste modo ao que recebe a mensagem, possa inferir entendimento lógico sobre o que está a enunciar. Por isso, o Estrangeiro afirma o seguinte:

Pois bem, quando, de novo se diz “leão”, “veado”, “cavalo”, e quantos nomes daqueles que praticam ações forem nomeados, segundo essa sequência, não se formará nenhum enunciado; com efeito, nem dessa maneira, nem daquela as coisas pronunciadas revelam ação ou falta de ação, nem entidade do que é ou não é, antes que alguém mescle os verbos aos nomes; e então a primeira combinação faz ajuste e o enunciado nasce, por assim dizer, o primeiro e o menor dos enunciados. (SOFISTA, 262 B- 262C).

οὐκοῦν καὶ πάλιν ὅταν λέγηται ‘λέων’ ‘ἔλαφος’ ‘ἵππος,’ ὅσα τε ὀνόματα τῶν τὰς πράξεις αὐτῶν πραττόντων ὀνομάσθη, καὶ κατὰ ταύτην δὴ τὴν συνέχειαν οὐδεὶς πῶς συνέστη λόγος: οὐδεμίαν γὰρ οὔτε οὕτως οὔτ’ ἐκείνως πρᾶξιν οὐδ’ ἀπραξίαν οὐδὲ οὐσίαν ὄντος οὐδὲ μὴ ὄντος δηλοῖ τὰ φωνηθέντα, πρὶν ἂν τις τοῖς ὀνόμασι τὰ ῥήματα κεράσῃ. τότε δ’ ἤρμωσέν τε καὶ λόγος ἐγένετο εὐθὺς ἢ πρώτη συμπλοκή, σχεδὸν τῶν λόγων ὁ πρῶτός τε καὶ σμικρότατος.

Portanto, a formulação de comunicação dos enunciados promovida por meio da relação comunicativa entre nomes e verbos, a postulação do enunciado dará, agora, sobre o que se enuncia, como também a forma deste enunciado. Por isso o Estrangeiro formula o seguinte enunciado para a reflexão do que está sendo discutido por ambos: “Quando alguém diz “um homem entende”, dizes que esse é o primeiro e mais pequeno enunciado”. (262c)

De acordo com o enunciado postulado pelo Estrangeiro, há uma finalidade comunicativa por meio do enunciado. Assim, ao enunciado cabe a funcionalidade de dizer o objeto, e não somente nomeá-lo. Dizer o objeto significa demonstrar o que é, porque é, como também sobre o que é, algo diverso do nomear, que se limita ao identificar, ou seja, a uma relação de particularização do objeto, porém sem realizar as premissas de diferenciação do objeto. Sobre este entrelaçamento entre nome e verbos na formulação do enunciado, o Estrangeiro comenta:

Pois então, assim como umas coisas se ajustam entre si e outras não, também em torno das coisas da voz, umas não se ajustam, mas as que se ajustam realizam o enunciado. (SOFISTA, 262E).

οὕτω δὴ καθάπερ τὰ πράγματα τὰ μὲν ἀλλήλοις ἤρμωσεν, τὰ δ’ οὐ, καὶ περὶ τὰ τῆς φωνῆς αὐτῶν σημεῖα τὰ μὲν οὐχ ἀρμόττει, τὰ δὲ ἀρμόττοντα αὐτῶν λόγον ἀπηγάσατο.

A partir da ligação entre nomes e verbos surge o enunciado, contudo é necessário esclarecer um outro problema, com efeito, todo enunciado é preciso ser enunciado de alguma coisa, Assim, é necessário, que enuncia alguma mensagem, que seja em relação a algo. Compreensão é esta sobre enunciado, que Teeteto concorda sobre esta postulação. Portanto, este enunciado possui um conteúdo, conseqüentemente, este conteúdo exige um princípio de valor lógico, que se atribui ao conteúdo deste enunciado. Portanto, no enunciado é exigível uma análise não só em seu conteúdo, de modo, isolado, ou seja, se enuncia sobre algo, mas também se este enunciado possui tautologia. Se caso, tenha, esta mensagem será verdadeira, se não haverá falsidade na mensagem.

Então vou dizer-te um enunciado, combinando a ação com o resultado da ação, através de um nome e um verbo; e tu diz de quem, por acaso, é o enunciado. (SOFISTA, 262 E).

λέξω τοίνυν σοι λόγον συνθεῖς πρᾶγμα πράξει δι' ὀνόματος καὶ ῥήματος: ὅτου δ' ἂν ὁ λόγος ᾖ, σύ μοι φράζειν.

A partir deste entendimento sobre o enunciado ambos iniciam a análise sobre o presente enunciado no passo, (263 a), “Teeteto está sentado”. O presente enunciado exemplificado pelo Estrangeiro, possui os elementos consubstanciados para presente resolução diante do exposto.

Há um sujeito que realiza ação, conseqüentemente possui um ação provocada por alguém, além, claro, possui um clareza da mensagem, pois profere conteúdo em relação algo. Neste caso, toda a mensagem exposta no enunciado descreve algo sobre Teeteto. Obviamente, o receptor da mensagem do enunciado, poderá inferir sobre a presente mensagem. Assim, aquele, que recebe a presente mensagem, logo concluirá, que está a falar sobre Teeteto.

Em seguida, o Estrangeiro utiliza de um outro exemplo semelhante no mesmo passo, 263 a, “Teeteto, com quem estou conversando, está a voar”. O presente enunciado possui os mesmos postulados necessários, para que, o receptor da mensagem possa analisar o conteúdo proferido no enunciado. Ambos exemplos, segundo o Estrangeiro, exigem uma qualidade referente ao conteúdo, neste sentido, conforme Teeteto, que um seja falso, e outro seja verdadeiro (263 b).

O verdadeiro, conforme, o Estrangeiro é aquele enunciado, que descreve as coisas, como realmente são, de modo diverso, é o falso, que descreve as coisas diferentes de sua constituição como realmente é. De acordo com esta exposição o Estrangeiro comenta: “Das coisas que são, que são outras a respeito de ti. Pois, dizemos que, acerca de cada um, muitas coisas são e também muitas não são”. (263B).

Por isso a conclusão que ambos possuem acerca do enunciado, que este deve ser de algo, pois conforme as palavras do Estrangeiro é impossível, que um enunciado não seja de nada. Por isso comenta o Estrangeiro em relação ao respectivos exemplos sobre Teeteto:

Na verdade, quando a respeito de ti são ditas coisas, mas são outras como se fossem as mesmas, e coisas que não são, como que são; esse tipo de composição, que se gera a partir de verbos e de nomes, ao que parece, real e verdadeiramente vem a ser um enunciado falso. (SOFISTA, 263D).

περὶ δὴ σοῦ λεγόμενα, λεγόμενα μέντοι θάτερα ὡς τὰ αὐτὰ καὶ μὴ ὄντα ὡς ὄντα, παντάπασιν ὡς ἔοικεν ἢ τοιαύτη σύνθεσις ἐκ τε ῥημάτων γιγνομένη καὶ ὀνομάτων ὄντως τε καὶ ἀληθῶς γίνεσθαι λόγος ψευδής

Portanto, como enunciado possui a capacidade comunicação entre um enunciador e o receptor, por meio de um conteúdo lançado ao entendimento oriundo de uma mensagem, a

falsidade e a verdade surgem como premissas lógicas sobre o conteúdo proferido. Neste caso, compreender à falsidade e a verdade, é refletir sobre o que se declara à respeito do objeto proferido no enunciado. Com efeito, a falsidade ficará em evidência, na medida que se declara premissas, que não constituem determinando objeto, com efeito, de acordo ao exemplo sobre Teeteto proferido pelo Estrangeiro, a capacidade de voar.

6. CONCLUSÃO

Parmênides, em seu poema, delimita as vias para o desenvolvimento cognitivo. Segundo seu escritos, só há possibilidade do alcance de algum conhecimento por meio do entendimento a partir das vias do SER e NÃO-SER.

A primeira via é identificada como a via da verdade, onde o entendimento encontrará um caminho seguro para o desenvolvimento do conhecimento. Nesta via tanto verdade como realidade são associadas em constituição. Ou seja, verdade e realidade pode se afirmar, que sua constituições estão associadas.

Portanto, a ação do pensar só pode pensar o real, enquanto tal, deste modo o real em seu conteúdo é compreendido logicamente pelo verdadeiro. Por isso como verdade e realidade são os objetos do pensamento, à atividade intelectual do pensamento, não poderá incorrer no erro.

Sendo assim, o pensamento por si encontrará o caminho da compreensão da verdade lógica dos objetos cognoscentes, conseqüentemente compreenderá a realidade enquanto tal. De modo contrário não ocorrer com a via do NÃO-SER.

Por que segundo as conclusões do pensamento parmenidico, esta via não possui realidade ontológica, como também não possui conteúdo para ser abstraído pela atividade intelectual do pensamento. Portanto, o pensamento não poderá percorrer esta via.

De acordo com o poema escrito por Parmênides, o pensamento não poderá incorrer no erro, sendo assim, o objeto singular da atividade intelectual, é a pura verdade, como também a compreensão da realidade enquanto tal. Contudo, ao recepcionar estes postulados, o pensamento platônico irá realizar algumas formulações.

Assim, de acordo com o diálogo, o Sofista. A concordância com o pensamento, que o antecede, neste caso, a reflexão parmenidica. É que o objeto primaz da atividade, de fato, é compreender a realidade enquanto tal, como também identificar a verdade, e sobretudo declarar esta verdade.

No entanto, Platão acredita que, o pensamento pode incorrer no erro, por isso não vir a compreender a realidade enquanto tal, e por conseguinte a atividade intelectual estará comprometida diante da formulação do postulado pelo entendimento. Sendo assim, a conclusão no diálogo é que existir NÃO-SER.

O NÃO-SER é possuidor de existência tanto quanto o próprio SER, sua existência é compreendida a partir da reflexão sobre os Sumos Gêneros. Assim, a compreensão do NÃO-

SER é que ele é um ser, porém um ser diferente do próprio SER. Esta formulação surge como processo lógico em que existir diferença entre os objetos cognoscentes.

Deste modo se existir diferença específicas no objetos cognoscentes, ou seja, se existe diferença na estrutura existencial dos objetos postulados, de modo dedutivo existe a diferença de conteúdo destes objetos postulados pelo entendimento.

Assim, a relação de compreensão de diferença entre os objetos cognoscentes, é realizada pelo entendimento a partir do método dialético. Assim, quando se compreende a diferença, o segundo passo a ser percorrido pela atividade intelectual, é compreender o conteúdo deste objeto postulado pela atividade intelectual.

A compreensão da diferença existencial dos objetos postulados, neste caso, SER e NÃO-SER, é realizada a partir da relação participativa dos Sumos Gêneros. O termo participação deve ser compreendido pela capacidade de comunicação existente entre estes Sumos Gêneros.

Esta comunicação se realiza na formulação do enunciado, sendo assim, é na formulação do enunciado, que se compreende objetos cognoscentes, tanto em suas implicações lógicas, neste caso, verdade e falsidade, como em seu aspecto epistemológico, neste sentido, demonstrar a premissas lógicas daquilo, que se afirma compreender.

Destarte, para se demonstrar o conteúdo lógico deste enunciado, o processo que se realiza esta formulação é através dos postulares significativos da linguagem. Pois, segundo a reflexão platônica, compreender algo, não é apenas declará-lo, mas também é demonstrá-lo. Por isso o pensamento platônico descrever, que, até o próprio SER é difícil demonstração.

Diferentemente, de Parmênides, que acreditava, que verdade e realidade são postulados possuidores de associação, ou seja, ambos são o mesmo. A reflexão platônica posterior compreende este postulados como relações distintas.

A realidade e verdade são postulados distintos, o primeiro é a compreensão do objeto enquanto tal, enquanto o segundo é a compreensão epistemológica deste objeto. Assim, com esta diferença entre o objeto e seu conteúdo, a reflexão platônica demonstra a possibilidade de existência do erro, conseqüentemente do NÃO-SER.

Destarte, assim, como o SER surge por meio da comunicação entre os Sumos Gêneros no enunciado, de igual modo surge o NÃO-SER. Sendo assim, é na compreensão da diferença entre os Sumos Gêneros, que a atividade intelectual compreende o NÃO-SER. Conseqüentemente, sua relação existencial e comunicativa com o enunciado.

O enunciado é formulado a partir das relações de nomes e verbos. O primeiro é a denominação de significativa de um ser cognoscente, enquanto o segundo é a ação realizada pelo primeiro. Deste modo o que se investiga é a mensagem ofertada pelo enunciado, ou seja, o conteúdo que é formulado pelo enunciador deste enunciado, e conseqüentemente, ofertado para um receptor.

Assim, é na compreensão do enunciado, que se percebe as relações de SER e NÃO-SER, pois é no enunciado, onde se verificam as relações lógicas, seja de verdade, como também, de falsidade sobre o conteúdo deste enunciado. Destarte, o erro existir naquilo, que se declara como conteúdo formulado pelo enunciado.

A compreensão de NÃO-SER surge como inferência lógica realizada pela atividade intelectual do pensamento. Assim, a relação dá-se, à medida que o pensamento, visa compreender os objetos cognoscentes, promove à realização cognitiva de diferenciação.

Assim, o NÃO-SER é compreendido, à medida que relaciono um objeto postulado pelo entendimento, e declarado por meio de um enunciado, relaciono sua constituição existencial com outro objeto cognoscentes.

Portanto, NÃO-SER é a declaração, que um objeto cognoscente, não possui determinados predicados, que fazem, que ele seja determinado objeto, porém ele possui existência, contudo diferente do antes pronunciado, e sobretudo demonstrado.

7. REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Nestor Luis. **Sendo, se é: A tese de Parmênides**. Tradução: Eduardo Wolf. Ed. Odysseus. São Paulo, 2011;

LIMA, Jorge dos Santos. **A dialética presente na estrutura textual D' O Sofista de Platão**. SABERES, Natal – RN, v. 1, n.1, dez. 2008.

MARQUES, Marcelo Pimenta. **Platão, pensador da diferença: Uma leitura do Sofista**. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2006;

MORAVCSIK, Julius. **Platão e Platonismo: Aparência e realidade na ontologia, na epistemologia e na ética**. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. Ed. Loyola. São Paulo, 2006;

PLATÃO. **O Sofista**. Tradução: MAIA, Juvino Jr; MURACHCO, Henrique; SANTOS, José Trindade. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2011;

_____. **Sofista**. Tradução: Francesco Fronterotta. Ed. BUR. Milano, 2011;

SANTOS, Gabriel Trindade. **Da natureza**. Ed. Loyola, São Paulo, 2002;

_____. **Platão: A construção do conhecimento**. Ed. Paulus. São Paulo, 2012;

_____. **A “questão da existência” no poema de Parmênides**. Filosofia Unisinos,

p. 182-198, mai/ago. 2012;

_____. **Existir e existência em Platão**. Disputatio. Lisboa: 16, may, 2014;

SOUZA, Eliane Christina. **Discurso e ontologia em Platão: Um estudo sobre o Sofista**. Ed. Unijuí. Ijuí, 2009.

Perseus Digital Library. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso <11 de janeiro a 29 de março de 2017>.